

Vanessa Bellezoni

**A influência do canto coral na vida emocional dos coralistas –
apontamento para a prática pedagógica**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Faculdade de Campo Limpo Paulista, para obtenção da
graduação em Música - Licenciatura.

Campo Limpo Paulista
2012

Vanessa Bellezoni

**A influência do canto coral na vida emocional dos coralistas –
apontamento para a prática pedagógica**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Faculdade de Campo Limpo Paulista, para obtenção da
graduação em Música - Licenciatura.

Orientadora: Prof^a Me. Paula M. Aristides de Oliveira
Molinari

Campo Limpo Paulista
2012

Bellezoni, Vanessa

A influência do canto coral na vida emocional dos coralistas – apontamento para a prática pedagógica / Bellezoni, Vanessa. – Campo Limpo Paulista, 2012.

ix, 74f.

Trabalho de conclusão de curso – Faculdade de Campo Limpo Paulista. Música – Licenciatura.

Título em Inglês: The influence of choir singing on the emotional life of the choristers – note to the pedagogic practice

1. Canto Coral. 2. Técnica Vocal. 3. Alteração emocional. 4. Concentração

Faculdade Campo Limpo Paulista
Música - Licenciatura

Coordenadora do curso de Música-Licenciatura:

Professora Me. Paula Maria A. de Oliveira Molinari

Vanessa Bellezoni

**A influência do canto coral na vida emocional dos coralistas –
apontamento para a prática pedagógica**

Presidente da Banca: Profº. _____

BANCA EXAMINADORA

Profº. _____

Profº. _____

Profº. _____

Aprovado em: ____/____/____

Dedicatória

Dedico este trabalho à regente Karen Richter Comandulli que, desde o início da pesquisa, tem me apoiado e me passado conhecimentos, contribuindo para a realização deste trabalho.

Vanessa Bellezoni

Agradecimentos

Agradeço a Deus pela vida; à minha família, pela estrutura, carinho e educação, e ao Coral Pio X pelo carinho com que acolheu minha pesquisa.

Sumário

Dedicatória	v
Agradecimentos.....	vi
Lista de Figuras	viii
Resumo	ix
INTRODUÇÃO	1
1 A MÚSICA E O COTIDIANO	4
2 ANÁLISE DA PESQUISA	11
2.1 Perfil do grupo	11
2.2 Reflexões objetivas sobre o canto coral	15
2.3 Respostas Dissertativas Livres.....	19
2.4 O ponto de vista da regente	21
2.4.1 Perfil	21
2.4.2 A regente e o Coral Pio X.....	22
2.4.3 O trabalho vocal e os participantes	23
2.4.4 O comportamento do grupo.....	23
2.4.5 Os trabalhos vocais	25
2.4.6 O canto coral e a capacidade de concentração.....	26
3 A MÚSICA E O EMOCIONAL DO SER HUMANO	27
3.1 A música e o desenvolvimento intelectual.....	31
3.2 O canto coral e o regente	33
4 TEORIA E PESQUISA	38
5 CONCLUSÃO	44
6 ANEXOS.....	47
7 REFERÊNCIAS	60
Abstract	
Bibliografia consultada	

Lista de Figuras

Gráfico 1 – Atuação profissional I.....	12
Gráfico 2 – Atuação profissional II.....	12
Gráfico 3 – Faixa etária dos entrevistados.....	13
Gráfico 4 – Tempo de envolvimento dos entrevistados com a música.....	14
Gráfico 5 – Tempo de participação em corais.....	15
Gráfico 6 – Assuntos discutidos durante o ensaio.....	15
Gráfico 7 – Questão 2.....	16
Gráfico 8 – Questão 3.....	16
Gráfico 9 – Questão 4.....	17
Gráfico 10 – Questão 5.....	17
Gráfico 11 – Questão 6.....	18
Gráfico 12 – Questões 7 e 8.....	18

Resumo

Objetivo: O objetivo deste trabalho é tentar estabelecer de forma quantitativa e qualitativa as alterações no estado emocional dos coralistas como resultado dos trabalhos vocais, além disso, observar a atuação do regente sobre o grupo aproveitando as individualidades em favor da sonoridade do grupo. **Métodos:** Este trabalho teve três bases, a saber: a observação do grupo nos ensaios e os questionários com a finalidade de tentar medir o emocional do grupo. A análise dos resultados desta última aliada à minha observação visual, produziu interessantes conclusões. A terceira base foi uma entrevista com a regente Karen Richter Comandulli, para observar como esta entende seu trabalho diante do grupo. Sempre observando as mudanças de atitudes e comportamentos do grupo no momento da chegada, durante o trabalho vocal e na saída. Os dados e interpretações foram apoiados em uma extensa revisão bibliográfica direcionada para o canto coral. **Resultados:** Pude observar que na chegada dos componentes do coral estabelecia-se em ambiente meio confuso e de muitas conversas, mas à medida que eram iniciados os trabalhos vocais, seus comportamentos iam se modificando, fato comprovado pelo resultado colhido através dos questionários, nos quais alguns coralistas relataram alterações de humor e concentração no dia-a-dia. Após a observação dos resultados e após analisar globalmente as três dimensões de pesquisa, a empírica, os questionários e a entrevista; a bibliográfica e a observação, não resta dúvidas quanto à interferência benéfica da música no emocional dos coralistas. **Conclusões:** O controle da regente sobre o grupo é bastante forte, embora não seja rígido nem “militar” como ela gosta de dizer, pois sem as emoções dos coralistas não há interpretação mas demonstração de técnicas vocais. Pude concluir que a atividade vocal, bem conduzida, aumenta a capacidade de concentração dos elementos do grupo, alterando seus comportamentos, embora eles não saibam explicar como. Portanto música tem a capacidade de produzir mudanças psicológicas, fisiológicas e comportamentais que colabora no equilíbrio emocional cotidiano.

INTRODUÇÃO

A música sempre fez parte do meu cotidiano, até pela influência paterna, aprendi a ouvir música desde pequena, incorporando-a ao meu conceito de vida, fortalecendo o meu desejo de ser um profissional do ramo.

O canto coral apresentou-se como uma maneira de cumprir meus objetivos, embora o início tenha se dado através do Ministério de música da Pastoral do Menor da Paróquia Santa Gertrudes, no bairro com o mesmo nome, em Jundiaí, entre 2002 e 2006. Delineava-se, portanto, a necessidade de trabalhar com a música que até hoje proporciona um intenso prazer.

Estando ciente de qual seria o caminho escolhido, a partir de 2004, busquei alternativas que me proporcionassem crescimento musical e, no primeiro semestre, iniciei minhas atividades na oficina de Canto Coral da Prefeitura de Jundiaí, de onde fui convidada a cantar no coral da Associação de Música Pio X, sob a orientação do mesmo regente, do qual faço parte até hoje.

Chamava a atenção, já na época, o resultado obtido pelo regente, pois pessoas que poderiam ser consideradas “desafinadas” modificavam-se para compor um canto que soava acima e maior que as nossas capacidades individuais. O trabalho do regente entrava na autoestima dos coralistas fazendo-os se superar-se.

Dentro desse período, ocorreu a troca de regente, assumindo o comando Karen Richter Comandulli, propondo um novo modelo de trabalho, baseado no bom trabalho deixado pelo antecessor que voltou-se para seus outros coros. Essa mudança suscitou maior interesse, visto que a mudança mostrou nova possibilidade de trabalho tanto no repertório, distinto do anterior e pelas dificuldades das peças, quanto no relacionamento pessoal com os coralistas.

Cabe destacar que não é raro o coralista participar de mais de um coro e diante da possibilidade de adquirir maior experiência, participei, no período de 2009 a 2012 do coral Ars Antiqua, especializado em música antiga e medieval, como exigências diversas do outro coro. Ganhava força a ideia de estudar música mais aprofundadamente, uma vez que estudo piano desde o primeiro semestre de 2005 na Associação de Música Pio X.

Buscando novas dimensões de conhecimento, entrei para o curso de Música da Faculdade de Campo Limpo Paulista (FACCAMP), em 2010, na qual travei contato com professores de áreas que, se a princípio não eram ligadas diretamente ao canto coral e

ao trabalho vocal, muito contribuíram para a formação de uma base sólida em direção ao meu objetivo, ou seja, a regência de coros.

Dada a vivência constante com trabalho vocal, especialmente no canto coral e partindo de observações do grupo, bem como nos trabalhos dos regentes, seus métodos, suas personalidades, bem como nas técnicas utilizadas para “extrair” o melhor de cada um, ainda que viéssemos de situações diárias diferentes com estados emocionais dispares.

Pela observação, eu percebia que os coralistas saíam dos ensaios muitas vezes cansados, pelas exigências do repertório ou trabalho vocal em si, mas satisfeitos com suas performances. Assim, optei por um tema que me proporcionasse ampliar meus conhecimentos técnicos, mas também a observação do coral como um grupo composto pelos elementos distintos entre si, reunidos em torno de um trabalho comum, com resultados comuns a todos, sem individualismo.

Para compreender melhor o papel do regente, era necessário entender a voz humana, mais especificamente como o trabalho vocal interfere ou reflete o psicológico dado que “a voz é a identidade da pessoa”, ou seja, tudo que afetar o universo pessoal estará afetando a voz.

Um dos principais conceitos a serem entendidos, então, passou a ser a desafinação, origens, causas, consequências e, sobretudo, técnicas que pudessem, se não eliminá-las, ao menos reduzi-las. Em busca desse conceito, tomei como referência a obra *Desafinação Vocal*, de Sílvia Garcia Sobreira, que se mostrou esclarecedor quanto ao que comumente chamamos de pessoas desafinadas.

A obra parte do princípio que existem múltiplos fatores que interferem na possibilidade de parte das pessoas não conseguirem executar linhas melódicas complexas. Ainda que a obra não seja voltada exclusivamente para o canto coral e tratar a voz como instrumento individual, suas abordagens são pertinentes a esse estudo por tais particularidades estarem presentes no canto coral, cabendo ao regente observá-los e direcioná-los a um objetivo comum.

Sílvia Sobreira é graduada em Regência pela UFRJ especializando-se em Regência Coral na PRO-ARTE, no Rio de Janeiro e obteve o grau de Mestre em Música pela UNIRIO. Seu trabalho teve origem no “Curso para Adultos desafinados” que seria sua base de pesquisa para o mestrado.

A obra contém quatro capítulos, destinados à pesquisa de tema, sendo o primeiro voltado para estabelecer os conceitos de afinação e desafinação não como conceitos

absolutos em si, mas como uma resposta cultural vinculada a como determinadas sociedades entendem tal conceito, observando de forma geral as definições da medicina para as dificuldades de emissão da voz.

No segundo capítulo, a autora preocupou-se com as dificuldades do trabalho vocal na infância, por entender que estas determinam incapacidades na vida adulta, assunto que ela trata especialmente no capítulo III, observando a complexidade desse aprendizado gerado por várias causas, inclusive as culturais como o fato de no Brasil as cantoras de sucesso na mídia tenderem aos tons graves.

A autora tomou como base para as suas pesquisas, três profissionais atuantes em áreas distintas da música: Angela Hers, cantora profissional que ensina desde 1979 com metodologia própria, que acolhe qualquer aluno, incluindo os rejeitados por serem classificados como “desafinados” por outros professores.

Outro profissional consultado foi Mario Assif, regente de coros, em sua maioria, de empresas, que comportam todos os timbres e afinações e Patrícia Costa, professora pela UNIRIO e regente de coros e que aceita todo tipo de cantor nos seus coros, não importando serem afinados ou não. Ela estabeleceu, a partir do trabalho com os grupos, técnicas que aprimoram a afinação dos participantes.

O capítulo IV é destinado a sugestões práticas destinadas a adultos desafinados e envolvem exercícios vocais, de percepção, bem como oferecer apoio aos regentes que enfrentam as mesmas situações.

Dessa forma, pude estabelecer a relação dos seus estudos como pertinentes às minhas observações, pois eles oferecem interessante suporte para esse estudo.

1 A MÚSICA E O COTIDIANO

Entendo que o conceito de sociedade moderna faz com que o ser humano estabeleça um ritmo de vida que, muitas vezes, não permita que ele atente para pequenos detalhes, tirando sua capacidade de concentração. Por outro lado, o mesmo conceito, promove um distanciamento entre realidade e o íntimo do ser humano, suprimindo seu emocional.

O ser humano é essencialmente um ser social, envolvido pela forma como a sociedade se relaciona e pelo modo como esta impõe uma velocidade de eventos aos quais ele não está habilitado. Esse conceito de sociedade moderna, sobretudo por aquela surgida das grandes invenções do final do século XIX para o início do século XX, o avião, o automóvel e o telefone, determinam que o homem deva viver envolto em constante velocidade e esse “viver em velocidade” faz com que o ser humano perca algumas das suas capacidades ligadas ao sensorial, ao cognitivo e ao plano emocional, pois os eventos, ao se sucederem de forma muito dinâmica, se perdem e diminuem a capacidade deste de racionalizar seus sentimentos com mais qualidade.

Patrícia Costa, confirma essa observação dizendo que “os problemas emocionais tendem a ser absorvidos pelo corpo, gerando posturas que afetarão o canto: a posição do plexo, os ombros caídos de um pessimista, o maxilar elevado do ansioso, o sentimento de opressão que faz a pessoa enterrar a cabeça são alguns exemplos” (citada por Sobreira, 2003).

A perda da observação dos detalhes que ocorrem nos eventos do cotidiano promove um distanciamento entre os homens, seus conceitos emocionais e da própria identidade e, nesse contexto, a música e o canto coral, resgata a dinâmica da convivência social e do trabalho.

Os conceitos emocionais como solidariedade e trabalho em grupo, ficam relegados a um segundo plano, uma vez que predomina a individualidade, a constância do “eu” sobre o “nós”, eliminando valores morais e afetivos, bem como a união.

É nessa sociedade, sem tempo para pequenas observações que a música assume importância como aquela que restabelece o contato do ser humano com sua alma, seus sentimentos e recupere qualidade de vida.

O canto coral, em especial, tem como capacidade, mais que as demais manifestações musicais individuais, de agregar valores técnicos, racionais e emocionais, dada a complexidade de conceitos que envolvem essa prática vocal.

Mathias reflete que a música: “como instrumento dinâmico do fenômeno social que está em constante transformação, busca sempre uma identidade com valores humanos significativos: valorização da própria individualidade, valorização da individualidade do outro e o respeito às relações interpessoais”. (Mathias, 1986)

Dessa forma, o trabalho vocal, permite uma interação do lado psicológico com o fisiológico, agindo sobre este último como atenuador das pressões exercidas na execução das atividades do dia a dia.

Percebi, pela observação, que o início dos trabalhos vocais ou o período imediatamente anterior, é marcado pela troca de informações pessoais não pertinentes ao universo da música, cheio de fatos do dia a dia, que interferem no resultado esperado pelo regente e que, portanto, existe a necessidade de se recuperar a capacidade de concentração, devolvendo às pessoas a condição de sentir, mais ainda, de sensibilizá-las para a importância do lado emocional para o profissional, e da participação mais consciente nas atividades musicais, pois os adultos “podem não se iludir com expectativas de curto prazo, tendo mais prazer no processo de construção do conhecimento em si”. (Sobreira, 2003)

Observei, nesse caso, como a música, em especial, o canto coral, pode interagir com o emocional, proporcionando momentos de reencontro do homem com sua alma e ainda, aumentando a capacidade de concentração e permitindo melhor execução das obras. O ser humano, ainda que envolvido pelo constante movimentar de informações, ao executar o trabalho em sintonia com os demais elementos do grupo, abre-se para novas experiências, não sendo rara a constatação de que muitos profissionais da medicina relatam ser essa atividade edificante e tranquilizadora, além de relaxante, o que pude conferir nos dizeres de Angela Herz, de que “a técnica vocal abrange áreas que estão muito próximas da psicologia e da terapia corporal”. (citada por Sobreira, 2003)

É nessa linha de pensamento que faço a relação da música com o crescimento interior do ser humano, que favorece o desenvolvimento do caráter do praticante, com conceitos que vão da matemática à construção do emocional.

O praticante, seja ele apenas um ouvinte ou executante do canto coral, jamais é passivo diante dela, permitindo sua entrada, tanto no consciente quanto no subconsciente, abrindo suas emoções para o mundo.

Mathias diz que ação do som sobre o ser humano passa por três dimensões: a psicológica, a política e a mística.

Dentro dessas dimensões, a política é aquela que envolve a interação do grupo, e surge da necessidade de se organizar socialmente o grupo, as funções de cada elemento e da sua manutenção em prol de um objetivo único.

A dimensão psicológica é aquela que resulta da captação dos eventos que imprimem uma marca indelével na alma, resultando na motivação do grupo, gerando uma força interior que levará os elementos do grupo ao equilíbrio.

Como resultado das duas dimensões Mathias coloca que a vivência da unidade, harmonia, beleza, imanescentes do mais profundo de cada um conduziria naturalmente à vivência da transcendência do espaço interior de cada um. Chamada de dimensão mística, esta permite ao grupo emergir como uma energia envolvente e transformadora, no seu encontro com o “Eu” interior.

O participante de um trabalho vocal permite que a música penetre no seu íntimo, tanto consciente, uma vez que ela envolve conhecimentos matemáticos inconscientes, que ela altera sua estrutura emocional, agindo sobre o corpo, relaxando, acalmando e alterando o emocional, e portanto, proporcionando equilíbrio.

Coelho explica que: “O trabalho de técnica vocal com corais não desenvolve apenas condições e habilidades vocais de coralistas. Promove, também, mudanças em suas estruturas internas de sensibilidade e conhecimento. A partir do momento em que os referenciais e parâmetros de uma pessoa são questionados, ou mesmo alterados, modifica-se seu equilíbrio em relação a si mesma e ao seu meio. Esse desequilíbrio não é necessariamente uma experiência negativa; ao contrário, é o que promove o impulso para a busca de um novo equilíbrio, e, nesse processo, é possível crescer”. (Coelho, 1994)

Independentemente da quantidade de componentes dos coros, pode perceber, quando da prática musical, nos ensaios ou apresentações, uma alteração do comportamento cotidiano dos seus participantes frente às diferentes circunstâncias presentes nessa ação, cujo significado psicológico determina um efeito objetivo sobre o ouvinte, uma vez que interliga realidade e fantasia, cotidiano e emocional. (Sekeff, 2007)

Trabalhar a música é um exercício de lógica e atenção, por estar intimamente ligada a uma série de conceitos e regras rígidas, necessárias ao reconhecimento da identidade do indivíduo, em um jogo que faz aflorar os sentimentos, aumentando a percepção, embora nem todos cheguem ao local dotados de um mesmo emocional.

Patrícia, nos diz que “tem o convicção de que o canto é um gerador de alegria e prazer”, embora ressalte “que existam pessoas que não estão preparadas para lidar com tais sentimentos” (citada por Sobreira, 2003), e que por isso podem deixar os coros.

Minhas observações respaldam-se em Coelho que sugere que “todas as sessões de técnica vocal e todos os ensaios iniciem por um momento de integração entre todos os presentes” (Coelho, 1994), pois as pessoas chegam de locais distintos e de situações diversas, e seus emocionais são permeados de particularidades e emoções únicas de modo que, deva ocorrer um espaço livre para a manifestação dos sentimentos individuais, pois: “se não houver um “espaço oficial” para a “atualização de interesses” e um procedimento intencional de desligamento desses assuntos e de concentração no ensaio, tais assuntos permanecerão latentes e de forma desleal e sorrateira perturbarão todo o trabalho”. (Coelho, 1994)

Percebi que esse evento se verifica por a música, desde os povos primitivos, estar ligada ao íntimo do ser humano, permitindo a conexão dos seus sentidos com o exterior. Zander (2003) coloca que ela “simboliza o elo entre o homem, seu mistério e as divindades”.

O processo vocal, especificamente, do trabalho com coros, tem como resultado mais imediato, fazer o coralista adquirir consciência de grupo, uma vez que é necessário que os participantes ouçam-se, primeiramente, dentro do próprio naipe, para timbrá-lo e, posteriormente, adequá-lo aos demais napes, para a melhor sonorização. Além desse fator, a constante mudança de “acústicas”, faz com que, em determinadas situações, o coralista não tenha a referência dos demais membros, devendo se ater ao controle do regente e ao trabalho de preparação nos ensaios. Tal situação estabelece um elo de confiança entre regente e coralista, o qual estabelece um elo entre o que faz e os comandos do regente. Ocorre, portanto, a necessidade de o grupo se manter em forte concentração.

Esse tipo de ligação que une ambos, coralista e regente, demanda que o primeiro permita ao segundo, atuar e aprimorar suas capacidades técnicas vocais e sua capacidade de interagir com os sentimentos propostos pelo compositor, uma vez que o processo vocal tem a capacidade de estimular a sensibilidade, severamente diminuída pela agitação do mundo moderno, descarregada sob a forma de informações concisas e breves que não permitem qualquer análise mais apurada, o que suprime o emocional.

Entendo, por essa observação que cabe ao regente estimular tais sentimentos de maneira que o canto coral não se restrinja a uma demonstração de técnicas musicais, mas aprimore as capacidades latentes de cada coralista, pois a música, mais ainda no canto coral, tem a capacidade de penetrar na psique humana, a que chamamos de alma, levando-o ao autoconhecimento, confirmando nossa observação Sobreira aponta “que, quando se mexe na flexibilidade vocal de uma pessoa que tenha muita dificuldade em cantar, existe a possibilidade de também se destravar alguns sentimentos profundos e muito subjetivos” (Sobreira, 2003).

Tal fato foi percebido quando observei as faixas etárias dos componentes do objeto deste trabalho, entre 17 anos e 78 anos; alguns já profissionais da música, mas, na maioria, leigos que foram aprendendo durante os ensaios, as nuances das melodias e sob o comando de uma regente ainda jovem, deixam transparecer os prazeres resultantes da prática vocal.

A posição de um regente, mais que de condução dos elementos musicais, é a de estimular, conduzir e fazer aflorar as emoções que compõem a alma do participante do processo vocal, seja participante ou ouvinte, proporcionando ao expectador interagir com tais sentimentos.

McElheran (1996) reflete que o “requisito mais importante em um regente é a habilidade para inspirar os intérpretes. A isso podem ser dados outros nomes; liderança, poder hipnótico, entusiasmo contagiante, ou apenas boa habilidade de ensino (um ensaio é simplesmente uma aula na qual o regente ensina os intérpretes como fazer música). Talvez isso seja melhor descrito pela simples frase: fazer os intérpretes quererem fazer o seu melhor. [...] Nos ensaios, o regente tem que demonstrar uma prudente mistura de persuasão amigável, severidade, humor, paciência, compreensão simpática, elogio, correção, fervor emocional e, ocasionalmente, um toque de rigidez” (citado por Amato, Amato Neto, 2009).

Está claro que cabe ao executante a transmissão de tais sentimentos, mas é trabalho do regente, especialmente no canto coral, canalizar tais emoções na direção do público.

Outra função do regente é compatibilizar os timbres vocais, os conhecimentos adquiridos em vivências musicais externas e o grau de conhecimento do indivíduo e transformá-lo visando o bem coletivo. Sobre tal necessidade Coelho coloca que o: “grande desafio é compatibilizar graus distintos de musicalidade assim como de conhecimentos anteriores e ambições musicais. Em quase todos os corais existem os

“superintendidos de música”; os “donos do grupo”; os escolhidos e com medo de cantar, os solistas com ego de superstar; os “arrimos de nipe”; os atrasados crônicos e os pontuais neuróticos. Também há aqueles que sempre carregam desde agulha e linha até guia telefônico da Índia, assim como os que aparecem no concerto sem uniforme”. (Coelho, 1994)

Todas essas particularidades, longe de pertencerem ao universo musical, interferem intensamente no resultado final e é esse universo diverso e único que faz do trabalho vocal em grupo, excitante e prazeroso, pois se trata de um constante vencer de obstáculos, diferentes, a cada apresentação que, ao final, promove o crescimento individual para o bem coletivo, convertendo-se em vivência musical.

Portanto, o trabalho com a música, individual ou em grupo, acessa e interfere no emocional, conectando o indivíduo à realidade, melhorando sua autoestima, sua sociabilidade, além de melhorar sua atenção e, no caso do trabalho com coros, otimiza o trabalho em grupo, requisito básico para um bom profissional de qualquer área.

Ainda que a sociedade moderna faça com que o ser humano estabeleça um ritmo de vida que, muitas vezes, não permita que ele atente para pequenos detalhes, tirando sua capacidade de concentração. O mesmo conceito promove um distanciamento entre realidade e o íntimo do ser humano, suprimindo seu emocional.

Entretanto, quando observei os trabalhos vocais, tanto os ensaios quanto as apresentações, chamou a atenção o comportamento dos coralistas, pois, à medida que decorria o trabalho, eles apresentavam mudanças significativas de temperamento; alguns ficavam mais calmos, mais atentos, outros com certa dose de euforia. Tal estado, notei começam a se alterar já no aquecimento de voz.

Ficou claro, que nesse contexto, recuperar a capacidade de concentração devolvendo às pessoas a condição de sentir e, mais ainda, sensibilizá-las sobre a importância do lado emocional para o profissional, é um dos atributos do canto coral, pois ele interage com o emocional, proporcionando momentos de relaxamento, autoconhecimento e ainda, de aumento da sua capacidade de concentração.

Os indivíduos, ainda que participantes do grupo, percebem nesse aparente caos, meios para, através da música, estruturar seus emocionais, e não raro é a afirmação dos coralistas dos mais diversos estilos, a unanimidade de que a música os ajuda a relaxar.

Percebi, então, a necessidade de elaborar de um questionário que viesse contemplar o aspecto quantitativo, mas sobretudo, mantivesse o enfoque no aspecto

qualitativo, uma vez que não é possível medir o grau de satisfação ou emocional em números exatos.

A partir dessa constatação, ao estabelecer as bases para a pesquisa, procurei conceber questões que permitissem avaliar o grau de atuação percebido pelos elementos do grupo objeto, bem como da sua líder e regente, sobre a interferência da música no emocional de ambos, uma vez que também a regente também tem seu estado psicológico afetado pelo resultado das apresentações.

É nessa linha de pensamento que busquei relacionar a música ao crescimento interior do ser humano, procurando entender a influência do canto coral na vida emocional dos seus integrantes observando, no período determinado, o comportamento e as reações dos componentes antes, durante e após o trabalho musical, procurando estabelecer o grau de concentração de cada elemento.

Procurei, ainda, observar os trabalhos vocais do ponto de vista da regente e líder do grupo; seu conhecimento e seu domínio sobre o coro; suas dificuldades na condução dos trabalhos; expectativas e resultados frente ao grupo em questão, sempre observando as constantes mudanças originadas com a entrada e saída de pessoas do grupo pelos mais diversos motivos; observando o grau de interação entre os elementos do grupo e a sua regente; a relação dos coralistas entre si e com a música, detectando possíveis alterações do emocional de cada um.

2 ANÁLISE DA PESQUISA

2.1 Perfil do grupo

Na tentativa de se estabelecer, com maior exatidão possível, o envolvimento emocional dos componentes do grupo objeto da pesquisa, elaborei questões que atingissem tal objetivo, ainda que, seja difícil de medir o estado emocional, pude observar de maneira objetiva que os componentes sentem-se bastante influenciados pelos trabalhos vocais.

No momento da chegada ao local dos ensaios, os estados emocionais dos coralistas estão ainda vinculados aos acontecimentos e às atividades do cotidiano e estes exibem pouca disponibilidade para qualquer atividade que exija concentração. Observei que as conversas giram em torno de si mesmos. Entretanto, notei ainda, certa ansiedade pelo início dos ensaios.

Uma observação visual atenta permitiu-me perceber comportamentos distintos uns dos outros; alguns mais excitados, outros aparentando tranquilidade, mas todos demonstrando inquietação e falta de concentração.

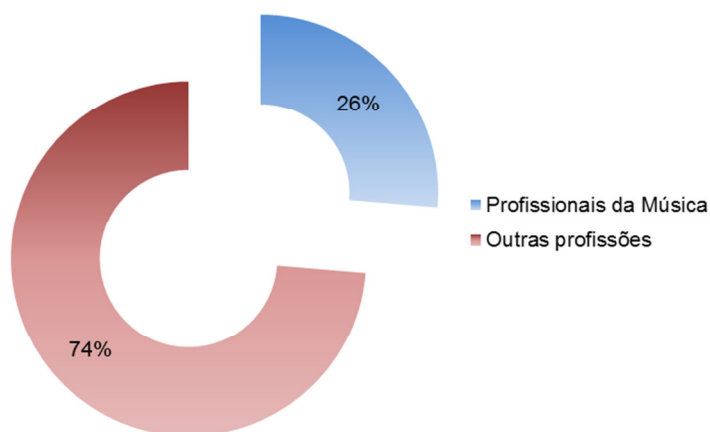
Pude observar também que, logo que os exercícios vocais “de aquecimento” tem início, as fisionomias demonstravam alterações e os coralistas começavam a se concentrar nas solicitações da regente e nas exigências dos exercícios.

Ainda que esses componentes, quando do início do ano, conforme informações da regente aumentem consideravelmente, logo após, quando estes percebem as dificuldades inerentes o tipo de trabalho, ao repertório que necessita de aplicação e estudo e ao comprometimento necessário, acabam abandonando.

Ainda conforme informações da própria regente, não é rara a participação dos coralistas em mais de um coral mas isso não interfere significativamente nos ensaios. Tal fato decorre de a divulgação desse tipo de atividade, o canto coral, não ser intensa, até desconhecida de grande parte do público, em especial dos mais jovens.

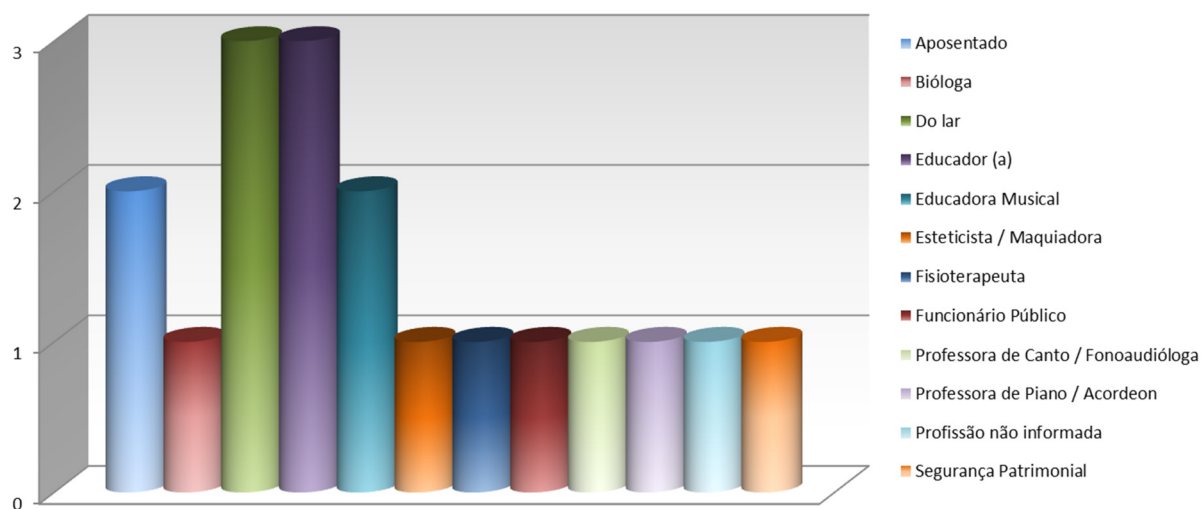
Dentro do Coral Pio X, existe a participação de profissionais de música, representando 26% do universo pesquisado, mas apenas um deles exerce sua atividade com o trabalho de voz. Portanto, 74% dos seus componentes trabalham em outras áreas não ligadas à música e tem no coral uma atividade paralela, por isso é considerado um coro amador. Vários componentes têm outras relações com a música, mas como estudantes de algum instrumento, como por exemplo piano, violão e canto.

Gráfico 1 – Atuação profissional I



Nas profissões que agrupam o universo pesquisado estão educadores (3), fisioterapeuta (1), Bióloga (1), esteticista (1), do lar (3), aposentados (2), funcionário público (1) e segurança patrimonial (1). Percebi uma diversidade de formações e atividades que compõem individualidades a serem trabalhadas e que interferem no nível de compreensão principalmente das letras que são trabalhadas em diversas línguas.

Gráfico 2 – Atuação profissional II



Durante a observação, percebi uma exigência muito grande quanto a pronúncia, sendo destinada uma parte do ensaio à pronúncia correta e a retirada dos “s” que ocasionam ruídos desagradáveis, contando, entre os coralistas, pessoas fluentes em inglês, francês, espanhol e italiano, e que são aproveitados nesse trabalho.

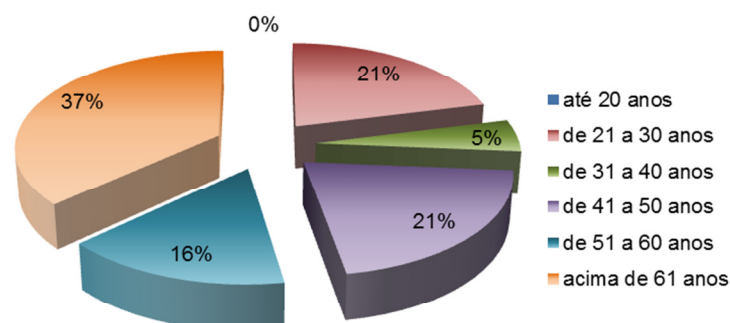
É importante perceber que ocorre a predominância da faixa etária acima de 40 anos que corresponde a mais de 70% do grupo pesquisado, embora a idade mínima de um dos integrantes seja 15 anos. Através da observação e pesquisa informal percebi que, no caso do Coral Pio X, ocorre a presença de familiares, como pais e filhos, casais e irmãos, trazidos por influência de um deles.

O fato de encontrarmos entre os coralistas pais e filhos, irmãos e familiares consanguíneos, gera um ambiente amigável e que contribui para o bom relacionamento do grupo. A presença desses laços, somados ao fato de a regente ser filha do fundador desse coral, há quase 45 anos, determinam um nível de comprometimento dela com os resultados do trabalho vocal muito acentuado e este é transmitido para os membros que buscam o melhor trabalho. Nesse cenário, observei que a importância do trabalho vocal para a regente faz com que o grupo também deseje alcançar os melhores resultados possíveis.

A regente estabeleceu um elo de amizade, que lhe permite exigir, a cada ensaio, melhores performances individuais que são canalizadas para o resultado do grupo, incentivando o crescimento pessoal. Essa atenção gera segurança no grupo que tem a liberdade de interromper o ensaio quando da existência de dúvidas sobre a obra estudada. Como educador vocal, a regente comanda o grupo sem ser autoritária.

Percebi também que isso proporciona um ambiente alegre, descontraído e dentro do mais alto respeito, o que contribui para o bom desenvolvimento dos trabalhos do grupo.

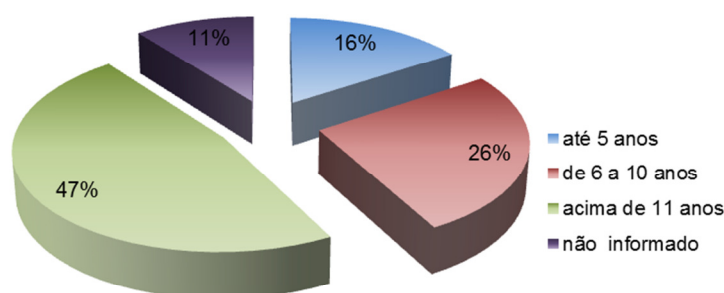
Gráfico 3 – Faixa etária dos entrevistados



Com referência ao tempo de contato com a música, 9 pessoas relataram ter acima de 11 anos de contato com a música, ainda que o tempo de coral seja menor, o

que indica que parte deles entrou para o coral, a fim de complementar a atividade anterior. O tempo de coral acima de 13 anos foi de 8 pessoas, correspondendo a 42 % do grupo presente, dado também significativo. É interessante destacar que dois dos profissionais da música que atuam no coral, tem envolvimento a mais de 60 anos, com a música.

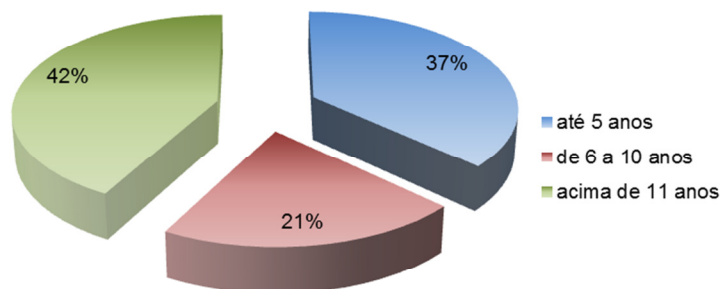
Gráfico 4 – Tempo de envolvimento dos entrevistados com a música



Outro dado importante é que 7 pessoas, 37% do grupo, têm menos de 5 anos de coral, o que pode representar uma renovação do grupo. É importante destacar que o trabalho vocal em um grupo requer mais empenho e é mais demorado que o individual, portanto significa que ocorre certa estabilidade e forma uma base vocal. Vale lembrar que toda abertura de inscrições, em geral no início do ano de trabalho, os chamados “aventureiros” que desconhecem as dificuldades inerentes ao canto coral, ou que veem em busca de “terapia”, faz o número de coralistas aumentar e reduzir em certo espaço de tempo.

Mas, observei que nem todos os que buscam o coral tem o principal para esse tipo de atividade que é primeiramente gostar de música, pois podem ocorrer meses de ensaio para apenas alguns minutos de resultado final, e nesse contexto, muitos o procuram para desenvolver uma atividade que permita quebrar a rotina ou a monotonia. Dessa forma, esse número tende a diminuir rapidamente quando estes percebem a necessidade de um trabalho mais acirrado.

Gráfico 5 – Tempo de participação em corais

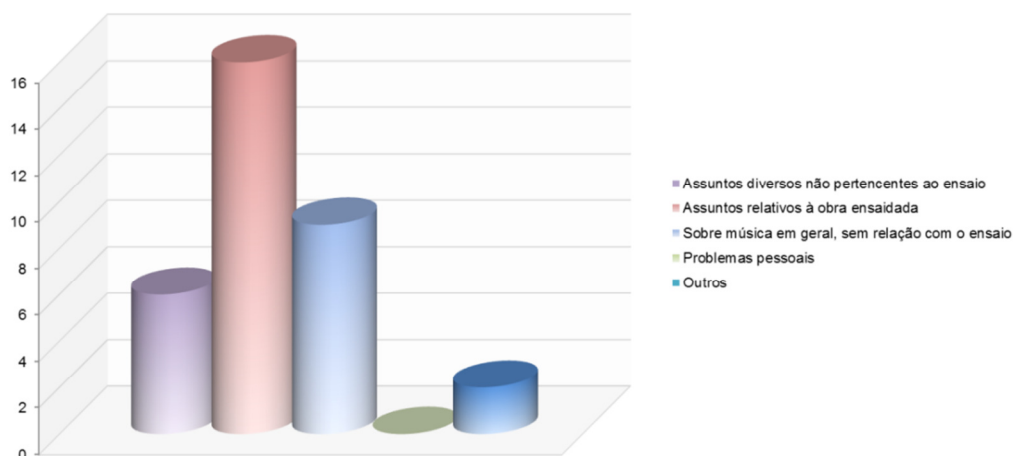


2.2 Reflexões objetivas sobre o canto coral

A pesquisa empírica foi dividida em dois tipos de perguntas: as objetivas, de múltipla escolha, com opções entre mínima e máxima satisfação, e perguntas dissertativas, com mais liberdade de expressão.

A pergunta 1 referia-se aos assuntos discutidos com os demais participantes durante os ensaios, na qual se destacaram os relacionados à obra ensaiada, em número de 16; com assuntos relativos a música em geral com 11 respostas, conforme pode ser observado no gráfico abaixo Assuntos Discutidos no Ensaio. Ainda por esse gráfico percebe-se que são discutidos assuntos que não tem qualquer relação com o ensaio. Pode concluir, por essas respostas, que os coralistas dão grande importância, para as conversas paralelas, com o pensamento que estas podem aliviar as tensões e estresses gerados pelas atividades diárias.

Gráfico 6 – Assuntos discutidos durante o ensaio



As perguntas de 2 a 8 requeriam respostas únicas, embora alguns pesquisados quisessem optar por mais de uma resposta. Todas elas faziam referência a como os componentes viam ou participavam dos ensaios. A questão 2 era clara quando perguntava se as conversas eram prejudiciais e 14 foram taxativos em responder que sim, ainda que divididos igualmente em “pouco” e “muito”. Na mesma linha, as questões 3 sobre o andamento dos ensaios e 4, sobre a capacidade de concentração manteve a mesma posição, com totalidade na 3ª para “atrapalha” e 15 na 4ª para “prejudica” a concentração, divididas em “pouco e muito” .

Gráfico 7 – Questão 2: Você considera essas conversas prejudiciais ao andamento dos trabalho?

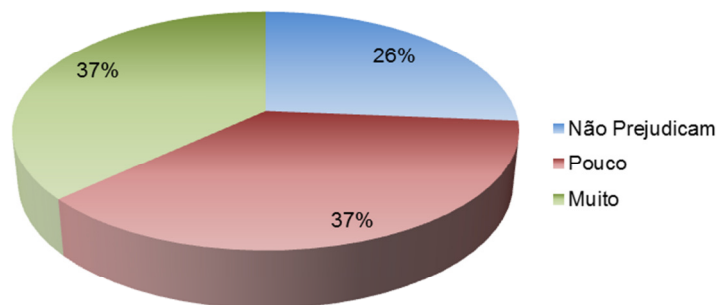


Gráfico 8 – Questão 3: Essas conversas paralelas, na sua opinião, interferem no andamento dos ensaios?

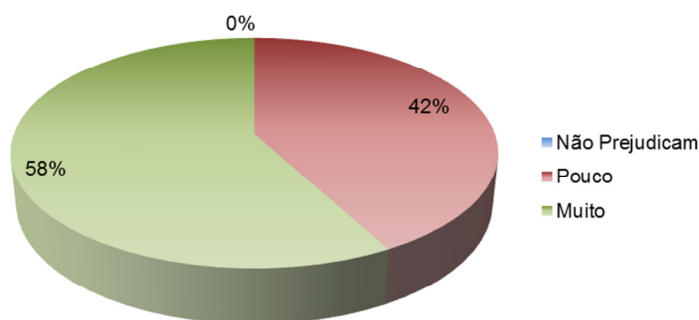
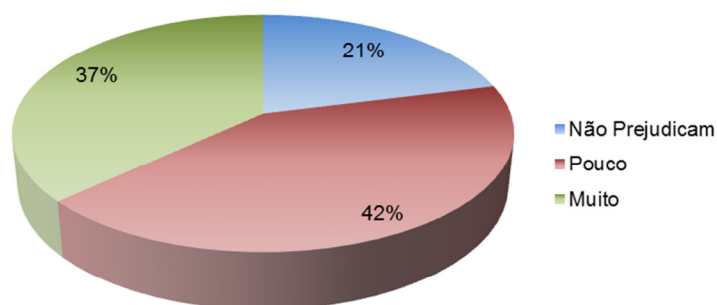


Gráfico 9 – Questão 4: A conversa paralela prejudica a sua capacidade de concentração?



As questões 5 e 6 se referiam à percepção pessoal da interferência na capacidade de concentração e aprendizado das obras, mesmo na passagem de naipes. A 5ª questão era relativa à capacidade de memorizar a obra e 16 pessoas, 84% do total, não acreditavam serem prejudiciais as conversas, opinião não compartilhada pela regente na entrevista no próximo subcapítulo. Além disso, a resposta não parece coerente para este pesquisador, quando observo as respostas da 6ª questão que consideram a conversa prejudicial ao próprio trabalho, pois 17 deles responderam que prejudicam pouco (8) e muito (9).

Gráfico 10 – Questão 5: Na passagem de naipes, o ensaio paralelo dos outros naipes, prejudica a sua capacidade de assimilar e memorizar a melodia?

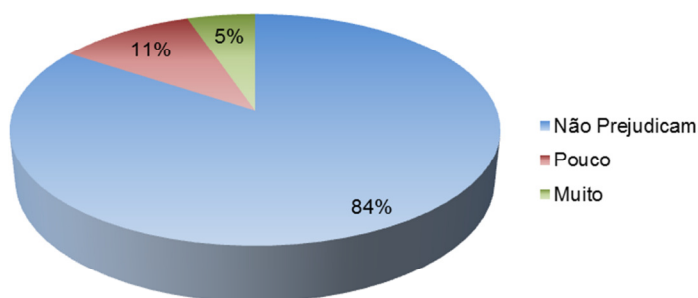
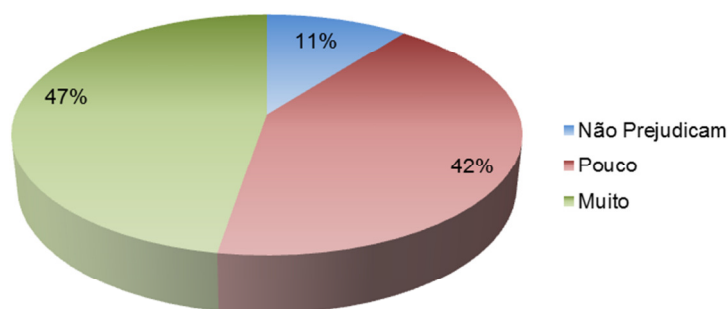


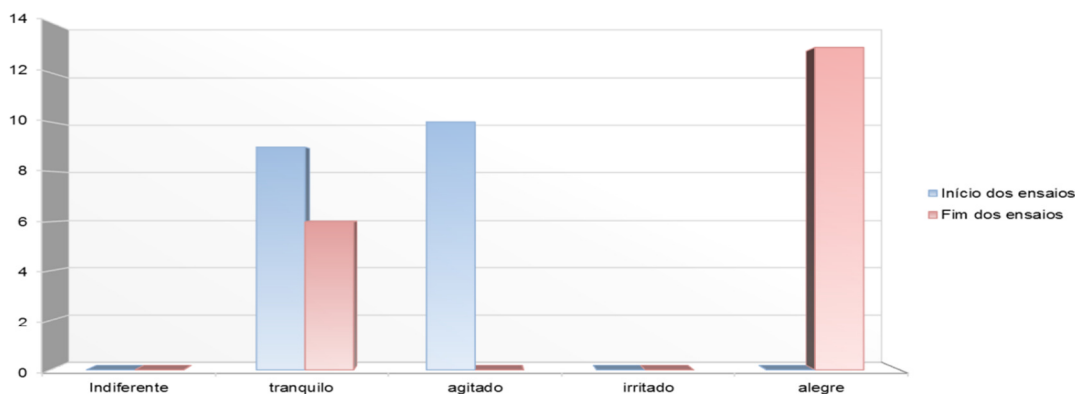
Gráfico 11 – Questão 6: Você considera esses ensaios prejudiciais ao andamento dos trabalho?



As duas questões seguintes, 7 e 8, mostram como o emocional se altera quando se considera o “antes” e o “depois” dos trabalhos vocais. Deve-se ter em mente que, por a pesquisa realizar-se durante um ensaio, acredita-se que as respostas sejam relativas aos ensaios, pois nos contatos na observação, alguns coralistas procuraram o pesquisador para comentar a pesquisa e relatar suas experiências em relação ao trabalho vocal.

No gráfico abaixo, o qual a coluna azul representa o “antes”, item verificado na questão 7, e a coluna de cor rosa representa o “depois”, constante na questão 8, deixa clara essa interferência, no momento que 51% dos pesquisados relataram chegar a estados que poderiam ser chamados de “agitação”, enquanto que 47 % alegam tranquilidade. Entretanto, o número de tranquilos cai para 32% ao final dos trabalhos, enquanto que os agitados reduzem-se a zero, passando para 68% aqueles que tiveram seu estado alterado para “alegre”.

Gráfico 12 – Questões 7 e 8: Questões as quais referem-se ao emocional dos coralistas.



Esses dados me permitem inferir que a música age, de sobremaneira, sobre aqueles que chegam emocionalmente agitados em virtude dos eventos do cotidiano, nos quais os problemas pessoais têm destaque. Ela tem a capacidade, segundo as respostas, de diminuir o estado de agitação, promovendo um distanciamento da rotina. Entretanto, ainda pela pesquisa, percebi uma influência menor quando se trata daqueles que chegam tranquilos, ainda que tenha sido detectada uma queda significativa, também nesse índice, em 15 pontos percentuais.

2.3 Respostas Dissertativas Livres

A sequência de 9 a 13 foi proposta com a finalidade de extrair dos pesquisados respostas mais livres, sem a restrição das alternativas fechadas; sobre a influência da música e do canto coral nos seus emocionais. Excetuando-se um coralista que se confessa indiferente aos trabalhos executados com o canto coral, destinando a ele o “status” de “Hobby”, respondendo, às vezes, com um lacônico “não”. Os demais, em menor ou maior escala, declararam ocorrerem alterações significativas e, em alguns casos, ser o trabalho vocal encarado com escape para as pressões do dia-a-dia, gerando dependência.

A questão 9 procurava detectar se o pesquisado tinha percebido alterações nas suas capacidades cognitivas e emocionais, ainda que não diretamente, além de tentar definir qual a intensidade dessas mudanças. Entre as afirmações, o aumento da autoestima, a redução do estresse cotidiano, além do aumento de concentração, do crescimento mental e o aumento da sensibilidade se destacaram.

Entretanto, merecem destaque duas afirmações: a primeira diz respeito à diminuição do ritmo de vida e da transferência de responsabilidade, pois nesse período, declara o coralista, é regido, isto é, transfere a responsabilidade sobre as decisões inerentes ao seu trabalho de fonoaudióloga e entrega a direção da situação nas mãos da regente, ainda que por curto período e que permite não se preocupar com os “outros” além do trabalho para o grupo.

A segunda afirmação se refere à mudança de temperamento, cujo participante, se dizia irritado e meio depressivo, que o deixava “emburrado” diante dos mais simples obstáculos quando iniciou sua participação no coral. O pesquisado alega que o trabalho vocal, no canto coral, transformou seu humor, deixando-o mais centrado. Vale

destacar que esse participante está há apenas um ano no Pio X e que já teve outras atividades ligadas à arte como o teatro.

Percebe-se, portanto, a interferência do canto coral no emocional dos participantes, sendo capaz de elevar a autoestima e aumentar a objetividade diante dos eventos do cotidiano.

Sobre a expectativa em relação aos trabalhos com o canto coral, a questão 9 tinha por objetivo detectar as necessidades dos coralistas e nesse contexto, as respostas convergiram para um maior aprimoramento das técnicas vocais como respiração, colocação vocal e melhorar a afinação, sempre visando o trabalho em grupo. Alguns destaques ficaram pelas afirmações de enriquecimento da alma com a interpretação de diferentes compositores.

Ha ainda que se destacar a contribuição do individual para o trabalho em grupo e, como resultante, a produção de som único e envolvente. A independência do ouvido foi destacada como desenvolvimento da musicalidade e da sensibilidade.

A influência do canto coral e do exercício vocal sobre o emocional foi a tônica na questão 11 e, na questão 12, foi a sua influência no cotidiano, o que permitiu perceber que há relação entre o que o praticante do canto coral faz nos ensaios e o resultado para o emocional presente no cotidiano.

Essas questões permitiram ao pesquisado demonstrar suas emoções, como o relato de que o canto coral é capaz de modificar uma emoção ruim, embora não tenha ficado clara a intensidade da mudança. Ele deixa as pessoas mais sensíveis, tolerantes e humanas, além de diminuir a timidez. O uso da voz para profissional da educação se fez presente destacando-se a importância do seu uso no trabalho diário, diante das salas de aula, mostrando uma preocupação diferenciada com a voz, uma vez que esse profissional tem constantes problemas com as cordas vocais.

Diminuir a timidez, aumentar a segurança e melhorar a dicção também foram colocações importantes, pois no perceber do executante do canto coral, a música se torna uma maneira de ver o mundo e uma necessidade de um constante crescer.

Entretanto, duas respostas revelaram-se de grande importância para este trabalho, relatadas aqui com as palavras de um dos coralistas que diz “entrar em sintonia com um mundo melhor, sentir alegria e tristeza quando participa do canto coral, além de ajudar a dividir com os ouvintes, as emoções que vão no coração” (Fala de pesquisado, Pesquisa empírica).

A outra resposta, ainda mais significativa retrata, nos dizeres do coralista “poder equilibrar as emoções e esquecer-se de muitos problemas do cotidiano” (Fala de pesquisado. Pesquisa empírica) revelando intenso relacionamento com o canto coral e com a música.

A última questão tentava determinar a necessidade de se trabalhar as qualidades vocais e parece ser quase uma unanimidade que o aprimoramento das técnicas vocais e a melhor forma de expressar os próprios sentimentos.

Após essa análise, pude constatar que, definitivamente, o canto coral tem a capacidade de alterar, para melhor, o emocional dos participantes, que levam para o cotidiano a capacidade de concentração e sensibilidade aumentadas, o que contribui para seu crescimento pessoal e profissional.

2.4 O ponto de vista da regente

2.4.1 Perfil

A regente Karen Richter Comandulli, jovem de 39 anos, filha de pai e mãe professores de música. Estudou flauta doce quando criança, formando-se em piano posteriormente. Entrou para a faculdade de música mas não se adaptou ao currículo, trancando a matrícula. Como tocava percussão de ouvido, iniciou o estudo com um ex-aluno da UNESP, que ela considera ser uma das mais conceituadas em música no país, prestando o vestibular para percussão, ficando em décimo lugar, mas não entrou por existirem apenas três vagas.

Falando às vezes rápido, às vezes calmamente, ela credita sua formação aos bons professores dos tempos de conservatório e aos pais.

Hoje, a música é o seu trabalho e envolve todo o seu tempo que é dividido entre a regência de coros, entre eles o Pio X; as aulas de piano e flauta; e o estudo da música e pesquisa das obras. Por ser um trabalho de 24 horas, a regente diz que em certos momentos pode se tornar algo cansativo.

Sobre a opção pela regência, entre risos, diz que no início foi uma imposição da mãe e não uma escolha pessoal, contra sua vontade. Ainda assim, fez vários cursos de regência e credita sua formação na área ao professor e regente Marco Antônio Cunha com quem tem alta consideração, mas ainda assim não desejava ser regente.

Nesse contexto, iniciou um trabalho com coral na APAE, onde trabalhou muitos anos, inclusive com musicalização infantil.

Durante esse período, a mãe comprou o conservatório onde Karen aperfeiçoou seus conhecimentos em regência estudando também harmonia. Paralelamente, fez vários cursos de regência, não com objetivo de trabalhar na área, mas apenas por achar interessante a técnica e para trabalhar com a musicalização infantil. Nesse interim, o professor de regência e flauta doce deixou o conservatório, trabalho que a regente assumiu. Dessa forma, diz ela, foi empurrada para a regência e como aperfeiçoamento para executar seu trabalho fez canto lírico.

2.4.2 A regente e o Coral Pio X

A relação da regente com o Coral Pio X parece conflitante pois, segundo suas palavras, “o Pio é legal mas também é um peso” (COMANDULLI, Karen R. – Entrevista, 2010). O coral é, de todos os seus trabalhos, o que proporciona maior satisfação pois tanto o repertório quanto a tradição exigem um trabalho mais elaborado, mais complexo, constituindo-se o seu cartão de visitas.

Ao mesmo tempo, ele é um peso pois foi fundado pelo pai que realizou um trabalho, no seu entender, sem comparação pois o coral foi criado por ele, chegando a ter 70 pessoas, e muitos dos seus participantes se profissionalizaram, chegando a cantar no Teatro Municipal de São Paulo e fora do país. Ela considera que o trabalho do pai é “infinitamente” melhor que o seu próprio.

A responsabilidade de reger o coral fundado pelo próprio pai parece exercer sobre a regente uma responsabilidade muito superior às demais regências. Ao responder sobre esse trabalho ela deixa transparecer esse peso nas falas entrecortadas e no tom mais sério, demonstrando certo receio de não ter seu trabalho reconhecido e ficar conhecida como a “filha do maestro”. Algumas expressões parecem confirmar esse receio, como no momento que ela diz “não ter comparação”.

O tom se torna mais leve quando o assunto é o repertório, embora a tradição do Coral Pio X pese na escolha. O foco é a música sacra e coros de ópera porque o coral foi fundado para ser dessa forma. A referência à música sacra se deve ao fato de o pai ter feito seminário, quase se ordenando padre e sofrer muita influência da igreja católica. Ele estudou órgão tubular e regência ainda no seminário.

O repertório sacro e lírico exige muito estudo da regente e muita técnica dos coralistas, que faz o grupo crescer, pois pressupõe trabalho e concentração, e esse repertório é escolhido de acordo com seu gosto pessoal, com os objetivos traçados para o grupo e, também, com nível de dificuldade para oferecer constantes desafios e mantê-los interessados.

2.4.3 O trabalho vocal e os participantes

A relação da regente com os participantes é muito profissional, entretanto, a mesma regente coloca que respeita as individualidades e que acaba ocorrendo um envolvimento mais próximo. Ela deixa claro que o coral não é um lugar para se fazer terapias, pois atrapalha o desempenho do grupo, mas ainda assim isso ocorre e ela tenta contornar. Ela ainda relata que, para atingir uma melhor sonoridade, ela mexe com o emocional dos coralistas, daí ser inevitável um envolvimento mais próximo, e informa que tal fato já ocorria sob a regência do seu pai.

Para o trabalho com o grupo, a regente ressalta a importância das aulas de canto lírico com o professor Mario Borim, com o qual atingiu os melhores resultados e embora tivesse feito outros cursos, não percebeu melhores resultados com eles, além de se utilizar dos serviços de uma fonoaudióloga por ter problema com a voz e ficar rouca por necessitar falar muito, ela reforça que a melhor escola foi realmente o canto lírico.

2.4.4 O comportamento do grupo

O comportamento do grupo parece não ser o ideal da regente, em virtude da falta de concentração, distraindo as pessoas do foco principal que é a música. Ocorre, às vezes, a necessidade de chamar a atenção do grupo, mas ela credita tal fato aqueles componentes que encaram os trabalhos vocais como uma terapia. É interessante destacar que ela tem consciência de que o seu próprio estado de humor também interfere no comportamento do grupo.

Observei que em determinados momentos, ou em determinados ensaios, o trabalho vocal “rende mais”, isto é, as pessoas parecem prestar maior colaboração ao solicitado pela regente, especialmente quando se aproximam apresentações. Também

ficou claro que o grupo apresenta melhores resultados quando aqueles ditos neste trabalho como “aventureiros” ou não estão presentes ou participam pouco.

Pude perceber que, ao ser questionada sobre o comportamento do grupo, a regente fica reticente, como que procurando as melhores palavras para expressar seu pensamento. Ela usa uma imagem significativa dizendo não querer “uma pirâmide cheia de múmias”, pois o coral se torna apático e não passa a emoção presente na música.

Constatee que a regente preocupa-se em não magoar os coralistas emitindo opiniões públicas sobre o desempenho dos indivíduos ou dos naipes, exceto quando estes resultem de bons trabalhos e são positivos para o grupo. Quando negativos, ela procura trabalhar a dificuldade de maneira indireta e educada, embora peça a execução de diversos trechos individualmente para acertar algum detalhe que não é possível dentro do nipe.

Há a constatação da necessidade de as pessoas interagirem, pois os indivíduos devem conhecer quem está ao seu lado para um melhor resultado, embora sem exagero. Percebi que a regente procura manter o nível de conversa baixo, proporcionando a interação a fim de conseguir um desempenho melhor do grupo nas dinâmicas, sem permitir que o grupo se disperse e perca a concentração. Em alguns casos, ela considera “legal” brincar e descontrair um pouco, mas sem exageros. Durante a observação, percebi que a conversa acontece quase que automaticamente durante a passagem de naipes.

No tocante aos problemas pessoais, recentemente, durante a passagem de som para uma apresentação, o grupo estava desconcentrado, daí ter sido um “horror”, nas palavras da regente. Após uma bronca, o grupo buscou concentração e após a apresentação, um dos coralistas relatou estar desconcentrado por causa de problemas pessoais. Em alguns casos, ocorre a necessidade de se tratar mais duramente as pessoas pois a função da regente é não deixar que esses problemas atrapalhem o resultado final, pois é o líder e responsável pelo grupo.

Nas palavras da regente, ela está ali para trabalhar a música somente e se esta fizer bem para o coralista, ótimo e para não deixar que os problemas de cada um atrapalhe a sonoridade do grupo.

2.4.5 Os trabalhos vocais

O trabalho com os coros amadores é difícil em face da complexidade que envolve a música e das dificuldades particulares dos seus participantes. Dentro de um grupo existe uma disparidade de formações e de conhecimentos que colocam os regentes diante de uma dificuldade, qual seja de fazer do ensaio algo que os menos preparados possam acompanhar sem tornar tedioso para aqueles que detêm maiores facilidades. Tal fato está relacionado às letras geralmente em línguas diferentes e ao conhecimento musical da regente.

A regente destaca uma característica importante que atrapalha o trabalho vocal. Alguns elementos que detêm maiores conhecimentos e acham que já sabem o que estão trabalhando, sem seguir as orientações da regente, erram por excesso de segurança, comprometendo o resultado. O trabalho da regente, nesse caso, é mais delicado, pois a pessoa deve ser “colocada no devido lugar”. Entretanto, a regente acredita que é essa individualidade, quando bem trabalhada em prol do grupo, que faz crescer todo ele.

Quando solicitada a falar a respeito da interferência do canto coral no emocional dos coralistas, ela procurou citar exemplos que pudessem comprovar essa afirmação. Sem citar nomes, ela colocou que alguns dos coralistas perderam parte da timidez, que deixaram de tremer ao enfrentar situações de exposição como cantar em público, pois a interação com o restante do grupo, dá maior segurança e ao mesmo tempo, maior responsabilidade.

O próprio regente é afetado pelo trabalho vocal, pois ver o resultado de um trabalho, ainda que sobre a composição de outros músicos e ver este acontecer ao vivo é uma realização. O poder de retirar da partitura as notas e transformá-las em melodia, comandar as vozes, extraindo o melhor de cada um passando emoção para o público, mexe com o emocional do regente.

Sob o ponto de vista de quem rege, o fator concentração é muito variável pois depende dos eventos do cotidiano, pois existem ensaios nos quais o grupo todo parece desconcentrado. A música expande a capacidade de concentração, mas depende do empenho de cada indivíduo e não é um trabalho só do regente, mas uma via de mão dupla, onde as pessoas precisam oferecer a sua parte; precisam se empenhar ou não há um resultado coletivo.

Por essa afirmação, pude observar o ponto de vista de quem tem que conduzir uma gama de individualidades, fazê-las convergir para um ponto comum, e às vezes, reduzir o ego do grupo.

2.4.6 O canto coral e a capacidade de concentração

Cada peça interpretada envolve uma quantidade de fatores e necessita de uma informação diferente ou, conforme coloca a regente Karen, que “cada peça que você vai interpretar precisa ter uma emoção diferente, senão fica tudo solfejo, tudo técnico... se você cantar uma peça sacra com a mesma intensão que você canta uma peça popular divertida, você não está interpretando...”. (Comandulli – Entrevista, 2010).

Entretanto, cabe lembrar que o lado emocional não deve ultrapassar a técnica e a concentração. Sobre esse item especificamente, a regente Karen relembra o trabalho de outros profissionais que desenvolveram técnicas para se ampliar a capacidade de concentração. Ela utiliza uma que se baseia em uma espécie de solfejo rítmico na qual ela passa uma fórmula de compasso batendo alguns instrumentos e as pessoas devem repeti-lo, ao mesmo tempo em que passa outro e assim sucessivamente. Essa técnica tende a aumentar consideravelmente a concentração, pois ao mesmo tempo em que executa um compasso, o coralista tem que se concentrar em ouvir o próximo.

Enfim, o trabalho vocal do regente é mais geral, como organizar, timbrar e equilibrar o grupo e não indivíduos. Para esse trabalho mais individual, a regente convidou seu professor de canto lírico que é adepto da escola italiana de canto e foi cantor do Municipal de São Paulo, regente do Coral Schola Cantorum e que cantou no início do Coral Pio X, sob a regência de seu pai.

O trabalho do regente é, na realidade, extrair do coro uma única sonoridade, dentro do padrão tonal estabelecido para o repertório, uma vez que todos deva cantar dentro do padrão para produzir um equilíbrio entre os naipes e as vozes individuais, pois ela considera que “*vozes furando o naipe, ou pipocando no meio*” é algo que denigre o trabalho regente e do próprio coro.

3 A MÚSICA E O EMOCIONAL DO SER HUMANO

"[...] a música e sua prática não constitui apenas um recurso de combinação de sons, mas sobretudo expressão, comunicação, gratificação, realização, interessando forçosamente à plenitude do ser humano".

Maria de Lourdes Sekeff

O ser humano, por possuir a necessidade de interagir com seus pares, tem carências diversificadas, como carinho, reconhecimento e, simultaneamente, a desejo de expressar emoções. A música como instrumento, permite essa expressão e faz com que ele conheça o melhor de próprio e consiga externá-lo.

O século XXI trouxe no seu início, uma sociedade cujas experiências emocionais parecem relegadas a um segundo plano, mas que, ainda assim, situa-se em meio a um processo de mudança dos paradigmas que permearam o século anterior, à medida que repensa seus sentimentos, tentando recuperar valores significativos do passado.

Parejo reflete, com propriedade, esse momento destacando que “o novo milênio iniciou-se, sob o signo da esperança de uma nova era, mais propícia à realização das mais profundas aspirações humanas; porém vivemos, por outro lado, o sombrio; um mar de intolerâncias, violência, desigualdades, plasmados em conflitos e guerras sem sentido. O progresso econômico e tecnológico não trouxe ao mundo o bem-estar prometido no sec. XIX, e ao analisar estas questões, vê-se na busca da degradação da vida, a própria degradação do ser humano, configurada numa eterna luta pelo poder, na insensibilidade, na perda dos valores essenciais, na destruição do meio ambiente e na exploração de uns por outros”. (Parejo, 2008)

As aspirações humanas extrapolam os conceitos de materialidade da sociedade moderna que reconhece o indivíduo somente pelo “Ter” e, dentro dessa concepção, esse indivíduo é envolvido pela dinâmica e pela “correria” da vida moderna, suprimindo suas emoções, a fim de que não sejam elas consideradas como fraqueza frente às exigências e aos eventos do dia-a-dia. Ocorre então a necessidade de o ser humano expressar suas emoções e integrá-las ao cotidiano, com pouca disponibilidade para algo que não seja a rotina diária.

Nessa tentativa de conciliar esse cotidiano, prático e objetivo, com o mundo interior, repleto de sentimento e sensações, por vezes, falta ao indivíduo instrumentos que possibilitem a exteriorização do emocional.

Para compreensão clara deste capítulo, deve-se estabelecer que ao me referir à música, reporto-me à ela no contexto do canto coral, dado que este tem como finalidade o suporte às observações pretendidas com a pesquisa, ou seja, as alterações do emocional dos participantes da prática vocal nos coros, como pessoa, imersa nos eventos do cotidiano; como grupo e agentes de uma ação coletiva, e realizadores de um objetivo único.

A música, portanto, favorece o desenvolvimento das potencialidades e a maturação da personalidade do indivíduo, além de poder evocar, associar e integrar experiências, conforme coloca Sekeff, “observando o poder da música sob a ótica da psiquiatria e da psicologia. E reflete ainda, sob a luz da musicoterapia, que esta é uma atividade temporal, perceptiva, de criação, recriação e/ou de escuta que nunca é passiva”. (Sekeff, 2007)

O coralista adulto, diferentemente do infanto-juvenil, busca “objetivos claramente definidos, não poupando esforços nesse sentido [...] obtendo mais prazer no processo de construção do conhecimento em si” (Sobreira, 2003).

Sob reflexo do contexto moderno, o homem procura se distanciar do seu emocional e caminha, cada vez mais, para a complexidade que envolve as interações humanas. Parejo, nesse sentido, coloca que “a natureza complexa do ser humano, da qual decorre sua multidimensionalidade, implica na conscientização da interdependência existente entre emoção, sentimento e racionalidade, assim como na concepção da unidade funcional existente entre corpo, cérebro e mente. [...] isso significa assumir o indivíduo como uma totalidade indivisível [...] como articulação e manifestações dessas dimensões”. (Parejo, 2008)

O canto coral envolve toda essa complexidade que constitui o indivíduo, integrando-o ao coletivo, na tentativa de produzir uma única harmonia, um equilíbrio emocional que permita o equilíbrio sonoro. Mathias afirma que “o grupo que se deixar envolver pelos princípios da unidade e harmonia, encontrará conseqüentemente, a unidade e harmonia interiores, vivendo, em nível pessoal e comunitário, uma maior plenitude de vida, que recebe o nome de força interior”. (Mathias, 1986)

“Os coralistas adultos, em geral, se sentem estimulados a vencer os obstáculos, principalmente se a melodia lhes for agradável [...]. Além disso, ao cantar uma melodia

de que eles gostem, eles são levados pelo prazer de cantar bem, não se importando quando os erros vão ser apontados” (Sobreira, 2003). Observei entretanto que a relação de tranquilidade passada pela regente, faz com que os integrantes do coral passem a gostar das músicas por ela escolhidas, cantando-as da mesma forma, tentando atingir o máximo da sua capacidade.

Para tanto, o mesmo autor baseia-se em duas acepções de música propostas pela filosofia. “A primeira é aquela que a considera como uma revelação interior, como forma de autoconhecimento ou de sentimento e a segunda, como um conjunto de técnicas vocais ligadas à sintaxe do som, com suas regras matemáticas”. (Mathias, 1986)

Essa relação da música com o cotidiano, especialmente aquela que é trabalhada pelo canto coral e a construção da emocionalidade do coralista é explicada pelos dizeres de Meal Miller (1873) refletindo que nenhum homem vive à margem da sociedade, dizendo que “o homem é um animal social, simbólico, construtor de cultura, e o grupo é o aspecto mais importante de seu ambiente”. (Sekeff, 2007)

Além dessa necessidade de socialização, ocorre a necessidade de um instrumento de interação entre o mundo exterior e os sentimentos; e o canto coral, pelos trabalhos vocais, exerce esse papel com maestria. Sekeff reflete que “falar do poder da música é assinalar de algum modo sua influência no ser humano por que, como fenômeno físico (som – objeto da acústica) e psicológico (relações sonoras – objeto da psicologia), seus elementos constitutivos e sua sintaxe de semântica singular induzem correspondentes movimentos biológicos, fisiológicos, psicológicos e mentais”. (Sekeff, 2007)

Nesse aspecto, a tensão muscular resultante dos eventos do cotidiano influem diretamente no resultado final, conforme Chevitaese (1996), momento em que ele afirma que “cantar implica num perfeito sincronismo dos mecanismos musculares que só terão perfeito funcionamento se eliminarmos as tensões musculares que interferem de forma negativa na produção do som” (citado por Sobreira, 2003).

A mesma autora reflete que, entre os fatores que prejudicam a emissão do som, está a tensão muscular e que estas se apresentam como resultado de um cotidiano estressante e atarefado e, quase que sempre, relacionados à problemas psicológicos (Sobreira, 2003).

Banam (1988) reafirma que “as tensões físicas são resultados desse fator e que são facilmente reconhecidos pelas expressões e dificuldades ao cantar” (citado por Sobreira, 2003).

Dessa forma os participantes das atividades vocais, neste trabalho, integrantes do Coral Pio X, refletem os sintomas da correria e atribuições oriundas das atividades diversas que cada um empreendeu durante o dia.

Sekeff reforça que “indo do ruído ao silêncio, a música impulsiona o indivíduo em seu todo, estimulando-lhe reações variáveis”. (Sekeff, 2007)

Todo ser humano é, portanto, suscetível aos estímulos proporcionados pelos trabalhos vocais, quer como assistente, quer como praticante, alterando o seu comportamento uma vez que a música, através do ritmo, age sobre todo o seu processo biológico e neurológico. “A ação do ritmo se estende por nossa respiração, circulação, digestão, oxigenação, dinamismo nervoso e humoral, e sobre o cortejo de nossas operações mentais; induz reações positivas e negativas, cria consciência do movimento, propicia o controle do sistema motor (nesse procedimento se assenta a educação de deficientes motores), robustece e enfraquece a energia muscular, reduz e retarda a fadiga”. (Sekeff, 2007)

O indivíduo, nesse contexto, jamais é um passivo diante de um trabalho vocal, pois este se relaciona ao corpo e ao espírito, traduzindo o indizível em palavras, em sentimentos que se expõem ao ouvinte. Nos dizeres de Molinari o trabalho vocal é “a experiência interna de conhecer cada conteúdo inaudito, reservado pelo crivo da sanidade consciente; cada conteúdo anímico que se esconde no imenso castelo de infinitos cômodos onde guardamos o que nos causa medo, prazer, tristeza ou alegria, com o poder de virar ou não, a maçaneta da porta que libertará” (Molinari, 2008).

Sobreira (2003) corrobora afirmando que todas as atividades do dia a dia produzem sentimentos, por vezes excessivos, de agitação e ansiedade, que interferem na capacidade de concentração. Ela afirma que “os problemas psicológicos podem interferir tanto no campo da percepção quanto no da produção e talvez no da memória”.

Sobreira (2003) ainda afirma que “na idade adulta, os bloqueios psicológicos parecem ser os fatores principais no desempenho deficiente dos alunos; dependendo da gravidade de tais distúrbios, eles podem impedir que o indivíduo aprenda a cantar afinadamente”. Nesse contexto, o canto coral é mais suscetível a essas pressões, como pude observar nos diversos ensaios, nos quais a regente tenta estabelecer um

clima austero e comprometido, sem desconhecer que o excesso de emoção ou agitação, além da ansiedade trazidos do cotidiano devem ser trabalhados, iniciando por exercícios de alongamento e relaxamento.

A música se constitui no instrumento, enfim, que o indivíduo emprega para expor seus sentimentos e emoções; aqueles que, nos eventos do cotidiano, são suprimidos a bem da aparência ou das formalidades sociais, ou ainda, aqueles que são relegados ao plano secundário, em virtude da falta de “tempo” para se ater aos detalhes, para as quais a dinâmica do dia-a-dia, pelo estudo, pelo trabalho ou pelos afazeres, não destina tempo algum.

3.1 A música e o desenvolvimento intelectual

“A música na antiguidade era composta por uma rítmica irregular que acompanhava as acentuações das palavras e o ritmo natural da língua latina” (Bennet, 1986), não se atendo à métrica, com uma textura diferente da que conhecemos. Durante o Renascimento, já se percebem os conceitos matemáticos como valores de notas e da divisão de compassos da música atual.

Coelho ao se referir à técnica vocal como integrante dos trabalhos vocais coloca que “o raciocínio lógico e a sensibilidade decorrentes da técnica vocal como vivência estruturada e estruturadora de vida são incorporados pelo cantor e transferidos tanto para a execução das obras do repertório quanto para todas as facetas de sua atuação como indivíduo e como integrante da sociedade”. (Coelho, 1994)

Percebi que, nos trabalhos vocais, a música, longe de ser uma expressão puramente emocional, carrega um intenso trabalho de raciocínio e de lógica, capaz de ampliar as capacidades de concentração dos elementos do grupo.

Nesse contexto, Sekeff complementa que o praticante de um trabalho vocal necessita de “uma organização lógica e de um aprendizado consciente para sua feitura, leitura e escuta. Necessita também de um encadeamento lógico de ideias quando quer falar “de” e “sobre” música. A razão está presente nesse universo que, não obstante, traz consigo elementos que escapam ao domínio do racional, respondendo por uma comunicação que procede também por outros canais, como os da emoção, intuição, associação, evocação”. (Sekeff, 2007)

Devo considerar, portanto, que o praticante, mais que o ouvinte, por se constituir um elemento ativo no trabalho vocal, tem seu intelecto aprimorado, especialmente

aqueles que o fazem em coros, dada a necessidade de todos realizarem ritmos e melodias diferentes, de acordo com a composição, simultaneamente.

Dessa forma, a atividade musical age sobre a capacidade intelectual do indivíduo, aumentando seus níveis de atenção e concentração, pois há a necessidade de este, ao mesmo tempo em que canta uma melodia, sintonizar com o que cantam os demais, para não provocar um efeito desagradável como “uma voz furando o naipe”, por exemplo.

“Relacionando-se com a matemática, em razão da dimensão concreta e quantitativa de que é dotada [...] as representações sonoras possibilitam o desenvolvimento do pensamento lógico de que ambas, a música e a matemática, compartilham. Por outro lado, os parâmetros musicais são passíveis de medição e representação significativa, [...] permitem a construção de critérios que possibilitam reconhecer, abordar e resolver problemas do dia-a-dia”. (Sekeff, 2007)

A matemática está presente na música e sua aplicação aos trabalhos vocais realizados em grupo promove o crescimento intelectual que é transportado para o cotidiano e utilizado na vida pessoal e profissional, pois aprimora o pensamento lógico e a capacidade de decisão.

A assimilação desse resultado, ainda que inconsciente, proporciona ao praticante do trabalho vocal em grupo, maturação da personalidade, pois exige dele não apenas a responsabilidade com o próprio preparo vocal, mas com o trabalho do grupo. Toda interação com a música, nesse caso, impõe um estado de atenção superior que se faz necessário para a compreensão dos sons, pois “a percepção requer, de algum modo, um mínimo de participação da inteligência, ainda que o texto musical seja construído de maneira elementar”. (Sekeff, 2007)

Fica claro que o trabalho vocal aprimora, de forma significativa, as faculdades humanas, tanto no sentido emocional quanto no intelectual. Este último exige alta dose de entrega, pois o trabalho vocal bem elaborado é construído aos poucos, com muitos exercícios e disciplina.

Tais condições se refletem no comportamento das pessoas e nas suas relações sociais dos eventos do cotidiano, pois a complexidade do canto coral induz o indivíduo a perceber e a manter a atenção nos outros componentes do grupo, como deve acontecer na vida fora dele.

A vivência musical atua sobre os mecanismos fisiológicos que sustentam o nosso corpo e promovem, por consequência, mudanças de comportamento. A mesma autora

atenta que “se pode estimular o desenvolvimento de estágios cognitivos até limites não imagináveis”. (Sekeff, 2007)

Sobreira (2003) coloca que “a frequência com que os adultos desafinados procuram se envolver com atividades musicais indica a importância da música na vida dessas pessoas. Tal fato nos faz compreender relatos dos alunos (coralistas) que alegam ter aumentado seu bem estar geral e maior confiança em suas atitudes cotidianas depois de terem iniciado as atividades musicais, sejam estas aulas de canto, ensaios de coro, etc”.

A prática musical, no canto coral, proporciona a harmonia entre o corpo e a mente, promovendo melhoras no comportamento, uma vez que a necessidade individual é atendida, pois “todo elemento integrante de um coro, busca essa atividade para satisfazer algum dos níveis de necessidades propostos por Marlow, que compreendem desde as fisiológicas até as psicológicas como a autoestima”. (Mathias, 1986)

Entretanto, é importante que todas as individualidades sejam trabalhadas em favor do resultado final ou não existirá o trabalho em grupo, mas um agrupamento de solistas.

O trabalho vocal colabora “no estabelecimento de nosso equilíbrio afetivo e emocional, propiciando desafoço e alívio das angústias” (Sekeff, 2007), pois ele, via música, favorece o abaixamento da tensão provocada pelo cotidiano, acalmando e relaxando os coralistas.

Dessa forma, é significativa a mudança de comportamento, uma vez que, tranquilizado o estado emocional, o comportamental siga o mesmo caminho, favorecido pela maior clareza de pensamentos e pela maior capacidade de enfrentamento das situações do dia-a-dia.

3.2 O canto coral e o regente

O coral, como um instrumento dinâmico do fenômeno social que está em constante transformação, busca sempre uma identidade com valores humanos significativos como a valorização da própria individualidade, da individualidade do outro e o respeito às relações interpessoais, envolvendo seus membros num ambiente de cooperação mútua para que eles se tornem mais eficientes como pessoas e como membros do grupo. (Mathias, 1986)

Diferentemente de cantar sozinho, o canto coral carrega uma gama significativa de contextos que se não forem administrados, são capazes de produzir efeitos indesejados na harmonia do grupo. Há, pelo tipo de atividade, a necessidade de se interagir além do profissionalismo, pois exige-se dos integrantes que passem sentimentos aos ouvintes, caso contrário, a música será apenas a demonstração de técnica vocal e solfejo.

Entendo que as pessoas não são imunes às tensões presentes nas interações com os seus trabalhos, seu cotidiano, portanto, estas chegam aos ensaios ou apresentações, munidas de sentimentos, por vezes, tão intensos que impedem a concentração ideal na obra a ser trabalhada. Além disso, elas têm motivações distintas, necessidades diferenciadas que se juntam às dos demais integrantes, formando uma rede de sentimentos a serem administrados pelo regente.

Mathias corrobora dizendo que “as pessoas, normalmente, chegam para participar dos ensaios do seu coral, vindas dos mais variados lugares, executando atividades diversificadas, com a mente cheia dos mais complexos problemas, com diferentes níveis de disposições físicas e mentais, e conseqüentemente, com maior ou menor motivação para se envolver em um ensaio dinâmico e produtivo”. (Mathias, 1986)

Ocorre então que, em determinados ensaios, o coral não está tão produtivo quanto em outros e menos disposto a se concentrar. Nesses casos, cabe ao regente criar essa disposição, sem deixar que tais momentos ocorram repetidamente, pois é uma tendência que sinaliza problemas.

Além desse fator, em um coro amador, coexistem diferentes graus de conhecimento musical, de formação intelectual e de situação financeira. Essa condição pode, em determinadas circunstâncias, se transformar em dificuldades de relacionamento, portanto, deve ser trabalhada de forma a reduzir seus efeitos.

Coelho coloca que “outro grande desafio é compatibilizar graus distintos de musicalidade assim como de conhecimentos anteriores e ambições musicais. Em quase todos os corais existem os ‘superintendidos de música’, os ‘donos do grupo’; os encolhidos e com medo de cantar; os solistas com atitudes de superstar; os ‘arrimos de naipe’; os ‘atrasados crônicos’ e os ‘pontuais neuróticos’”. (Coelho, 1994)

Ocorre que, em um coral, existem diversos tipos de participantes, com diferentes graus de comprometimento com atividade e com o resultado. Existe o mais comprometido, que faz do aperfeiçoamento vocal um objetivo, e o menos

comprometido, que tem no coral apenas um hobby. Existem ainda, aqueles que buscam na atividade vocal uma terapia, um alívio para problemas pessoais, e para estes, o resultado final não importa, mas apenas a satisfação das suas necessidades momentâneas. Nesse contexto Amato e Amato Neto (2009) destacam que “enquanto para alguns o canto coral é uma atividade que demanda maiores exigência e profissionalismo, para outros consiste em um lazer”.

Toda essa gama de expectativas está inserida no grupo e compõe o universo do qual o regente deve retirar a harmonia. Coelho afirma que “nem todas as pessoas se candidatam aos coros com o único e exclusivo objetivo de cantar. Muitas vezes elas são motivadas pela busca de um grupo social, pela oportunidade de viajar e de fazer retiros, pelo desejo de serem reconhecidas em algum talento ou de serem úteis... Enfim, por uma infinidade de outros motivos muito mais verdadeiros e consistentes, os quais fazem do coral apenas a sua moldura”. (Coelho, 1994)

Diante dessa mescla de individualidades e de necessidades, é inevitável que surjam conversas durante os trabalhos e estas invada os ensaios, perturbando a atividade musical, ainda que alguma delas sejam sobre a obra trabalhada. Entretanto, como os coralistas chegam aos ensaios vindos das mais diversas atividades e, portanto, trazem uma gama de informações de desejam compartilhar, faz-se interessante a existência de um espaço para essa socialização e de atualização de interesses como parte de um processo de transição do estado de excitação para a calma e concentração necessários à atividade musical.

O trabalho com o canto coral é minucioso e bastante longo. Atingir a qualidade vocal ideal toma tempo e trabalho, por isso é que ocorre uma rotatividade constante de membros, com a entrada de uns e a saída de outros.

Nesse contexto, surge a figura do regente. Como líder, “o regente deve procurar exercitar, ao máximo, atividades que propiciem aos cantores, uma atitude de pronta atenção e resposta aos seus gestos, cada vez mais sutis”. (Mathias, 1986)

A regência coral é considerada uma prática musical complexa, que requer, além do conhecimento técnico-musical, uma série de habilidades referentes à gestão de pessoas e a uma formação psicológica e pedagógica básica. Nesse sentido, a capacidade de motivar os coralistas é destacada com uma das mais importantes (Amato, Amato Neto, 2009).

As atitudes desse profissional, como líder, influenciam diretamente o resultado final. Do seu humor, resultarão os humores dos coralistas. Do seu envolvimento, o

envolvimento do grupo e do seu entusiasmo, o empenho dos demais. Essas atitudes influenciarão mais que o seu próprio discurso, portanto, mais que um especialista, deve ser o exemplo do grupo.

A capacidade musical do regente deve estar atrelada a um bom ouvido, muito embora não seja exigido o absoluto, mas um ouvido relativo muito bem treinado para reconhecer, dentre todos os elementos do coral, aquele que destoa do restante.

Zander acrescenta que “além de conhecer a tradição da prática coral, a autenticidade na interpretação de seus diferentes estilos, é preciso, sem juízo destes, fazer com que eles sejam não só válidos historicamente, mas também vivos em nossa atualidade”. (Zander, 2003)

Dentro do universo do coral, existem os profissionais da música e aqueles de detém pouco ou nenhum conhecimento técnico, portanto uma das suas qualidades do regente deve ser a paciência, pois a maioria destes últimos é composta de amadores com boa vontade e necessitam de orientação técnica e musical mais intensa. Não raro, tais participantes, apesar do pouco conhecimento, trazem a vantagem de não carregarem vícios de outros trabalhos, portanto, são mais abertos às ideias do regente.

Toda manifestação de irritação ou de impaciência, por parte do líder, com o grupo pode gerar obstáculos ao desenvolvimento dos trabalhos, o contrário torna os coralistas mais maleáveis e receptivos diante de um trabalho vocal que exija um trabalho mais intenso e difícil.

Zander afirma que talvez a maior característica necessária a um bom regente é a responsabilidade, equiparando-a a capacidade musical. Para o autor “além dessa capacidade musical, outro fator importante para o futuro regente é a responsabilidade. Esta deve ser tão forte, que o regente possa realmente conduzir e não ser conduzido pela personalidade do grupo, e poder irradiar aos outros, de um modo espontâneo, a autoridade da condução e, através de seus gestos, refletores de personalidade, fazer entender todas as intenções da música”. (Zander, 2003)

A figura de um regente, diante do seu grupo, deve inspirar confiança, acima de tudo, pois os coralistas devem seguir cegamente a sua condução, até em virtude da sua posição à frente do coral que possibilita que somente ele ouça a harmonia de todas as vozes. Para que esse clima de confiança se estabeleça, ele deve ter um temperamento construtivo e demonstrar real interesse e dedicação ao trabalho.

“Muito mais que um ‘responsável técnico’ pela produção musical do coro e um indivíduo que organiza a produção vocal gestualmente, o regente também desempenha

uma função de administração do grupo humano que se organiza sob sua liderança. Nesse sentido, a manutenção de um 'cenário positivo' de relações grupais [...] É sob esse foco que a motivação dos coralistas se delineia” (Amato, Amato Neto, 2009).

Observa-se, portanto, que a figura do regente, associada aos efeitos causados pela música dos participantes dos trabalhos vocais em um canto coral, também exerce influência significativa na mudança de comportamento dos seus comandados, uma vez que ele deve se pautar pelo bom exemplo como reflexo do seu discurso de vida. Sua segurança na condução dos trabalhos imprimirá, sem sombra de dúvida, sua marca na personalidade dos coralistas. A execução profissional aliada ao bom relacionamento com o grupo, produz resultados musicais mais consistentes e, conseqüentemente, permite uma linha de comando sem atritos.

Portanto, a atividade com o canto coral tem a capacidade de ampliar o pensamento lógico que permite a criação de critérios levados para os eventos do cotidiano e usados para resolver as tensões existentes nos eventos. Do mesmo modo, ela também produz mudanças fisiológicas, psicológicas e comportamentais, colaborando para o equilíbrio afetivo e emocional, produzindo indivíduos equilibrados e capazes de expor, através da música seus sentimentos e emoções.

4 TEORIA E PESQUISA

Quando se busca compatibilizar os resultados da pesquisa com os referenciais teóricos, à luz de autores consagrados, percebi que, ainda que inconscientemente, alguns dos participantes dos trabalhos do Coral Pio X, objeto desta pesquisa, refletem os pensamentos destacados nos livros, quanto à importância da música no emocional do ser humano.

Sekeff coloca que “a música impulsiona o ser humano, com um todo, estimulando-lhe reações variáveis” (Sekeff, 2007). Isso fica patente quando observei a fala de um dos coralistas, obtida através das questões 11 e 12, de que o coral é capaz de modificar uma emoção ruim. Embora não tenha ficado determinado claramente, inferi que esta emoção tenha se modificado para melhor.

Em outro momento, Parejo coloca que “a natureza complexa do ser humano implica na interdependência existente entre a emoção, sentimento e racionalidade” (Parejo, 2008). O trabalho vocal, na fala de outro participante, transforma-os em “pessoas mais tolerantes e humanas”. Tal afirmação pode ser explicada pela ligação entre a música e as atitudes do cotidiano, uma vez que esta tem o poder de alterar a parte fisiológica e psicológica do elemento humano.

O universo pesquisado, que compõe o coral é diversificado e engloba uma variedade significativa de conhecimentos e necessidades. Durante a entrevista, a regente deixou claro que essa diferença de formação exige que seu trabalho tenha a preocupação de atingir tanto os que tenham maiores dificuldades musicais, quanto àqueles que detêm um bom conhecimento técnico. Tal afirmação é corroborada por Coelho que afirma que um dos desafios de um bom regente “é compatibilizar graus distintos de musicalidade, assim como os conhecimentos anteriores e ambições musicais distintas”. (Coelho, 1994)

Dessa forma, não pode aquele participante leigo em leitura musical, se sentir diminuído perante os demais, e nem aquele que ingressa após um período em que já foram iniciados os trabalhos, pois ele pode se sentir deslocado, o que afetaria os resultados de ambos, uma vez que o trabalho se encontra adiantado.

Ainda que Sobreira (2003) se referisse ao aluno desafinado em aula de canto, acredito que o mesmo se aplica ao trabalho com os coralistas, ela coloca que “deve-se falar abertamente do problema, pois quando se trata de um coro, tal atitude é positiva por gerar nos outros cantores a solidariedade com aquele cantor mais problemático” e

tal procedimento, conforme observei nos ensaios, é adotado pela regente com bons resultados.

A interferência na capacidade cognitiva e no racional, que se transfere para o cotidiano do ser humano é visível, conforme coloca Coelho reforça que afirma que “o raciocínio lógico e sensibilidade são transferidos para a sua atuação na sociedade. É perceptível que todo aprimoramento intelectual se transfere para os eventos do dia-a-dia”. (Coelho, 1994)

Outro coralista comenta o aumento do seu raciocínio lógico como resultado do trabalho com o canto coral e com o aumento do seu poder de concentração. Nesse contexto, cabem os dizeres de Sekeff quando diz que “a música traz consigo elementos que escapam ao domínio da racionalidade e que procede também por outros caminhos como emoção e associação”. (Sekeff, 2007)

Cruz e Cunha (2008) colocam que “além de ser um elemento de distração e entretenimento ela passa a abordar e marcar vivências concretas. A música, ao se tornar parte da história das pessoas, pode eliciar lembranças, sentimentos e emoções referentes a estas vivências”.

A questão 12, sobre a importância do trabalho vocal no cotidiano, traz respostas reveladoras, quando um dos pesquisados se refere ao fato de “andar emburrado e meio depressivo”, encontrando dificuldades para solucionar os pequenos problemas dos eventos cotidianos, e que se percebeu, recentemente, “bem humorado e mais centrado”.

Disso se depreende que há influência tanto sobre o racional quanto sobre o emocional, transferindo-se esta, para as atitudes e comportamentos fora da atividade musical, promovendo maturação da personalidade.

Sekeff afirma que “como toda atividade artística, a música, enquanto fenômeno estético, envolve expressão emocional. Desenvolvida dentro de norma técnicas aprendidas, ela compreende também a inteligência, faculdade que intervém no processo impondo ordem e lógica a sua construção e recepção. Por isso, a criação e a escuta musicais constituem a interferência, no fenômeno musical, do juízo crítico, da lógica, da consciência, do conhecimento, do raciocínio”. (Sekeff, 2007)

Acredito ser pertinente, nesse momento, a reflexão da regente, durante a entrevista de que, dentro de um grupo, existem pessoas que buscam o trabalho vocal como forma de terapia, na tentativa de minimizar seus problemas pessoais. Essa necessidade acaba por atrapalhar as atividades musicais.

O coral não se destina à resolução de problemas pessoais. Se houver a melhora, ótimo, mas isso não pode interferir no resultado, embora ela procure “contornar em favor do grupo”. Deve ficar claro que o caso relatado anteriormente, não se encaixa na reclamação da regente.

Cabe lembrar também, os dizeres de Coelho quando este autor se refere ao fato de que “nem todas as pessoas se candidatam aos coros com o objetivo de cantar” (Coelho, 1994). Decorre daí a regente ter que, sistematicamente, “chamar a atenção dos coralistas” para a socialização exagerada que dispersa o grupo.

Mas, nas suas falas, a regente deixa claro que não acha produtivo um coral “militar”, composto de “múmias”, pois considera importante a socialização, desde que controlada, pois os coralistas devem se conhecer para atingirem melhores resultados, pois para a interpretação das obras, ela mexe com as emoções, o que não seria possível sem a interação com o grupo.

Sobre essa relação, Amato e Amato Neto (2009) ressalta a “preocupação com a relação de respeito interpessoal (regente-corista e corista-corista), evidenciando o importante papel do regente como solucionador de eventuais problemas de caráter pessoal que surjam no coro e a sugestão da promoção de eventos extraensaio, que permitam aos coralistas desenvolverem sua sociabilidade e um relacionamento mais próximo entre eles”.

Nesse contexto, a regente, em várias situações observadas, incentiva a realização de encontros ou simplesmente de comemorações rápidas após o fim da atividade vocal. Notei que essas pequenas “festas” mantem o grupo unido e mais tolerante às dificuldades impostas pelas obras escolhidas, aceitando o “cansaço” como prazeroso.

Mathias coloca que “as pessoas chegam para os ensaios imbuídos dos mais diferentes problemas pessoais e diferentes disposições físicas para se envolver nos ensaios” (Mathias, 1986). Por essa condição, ocorrem conversas durante os ensaios, as quais interferem no estado de concentração do grupo, embora, a regente coloque que procura se utilizar delas para conseguir melhor desempenho nas dinâmicas, considerando que os coralistas, com essa interação, harmonizam e “timbram” melhor.

A questão 7 tentava identificar o quanto a interferência da música no canto coral era percebida pelo vocalista e se ligava à pergunta feita à regente sobre como ela percebia as mudanças de comportamento dos comandados.

Ela acredita que ocorram mudanças, até por ter executado diversos trabalhos, entre eles um coral infantil da APAE citado na entrevista, com portadores de necessidades especiais, que demonstraram melhoras importantes. Entretanto, ela esclarece que a convivência pessoal com a maioria dos coralistas é mínima, e portanto, só pode se referir às mudanças pelos relatos recebidos dos próprios participantes e, nessa condição, há interferências benéficas no cotidiano.

No tocante às respostas da pesquisa, fica claro que ocorre a alteração do estado emocional de forma importante e que a atividade coral age no comportamento, uma vez que a música, especialmente um dos seus componentes, o ritmo, que “induz reações positivas e negativas, propicia controle do sistema motor, robustece e enfraquece a energia muscular e reduz a fadiga”. (Sekeff, 2007)

Dessa forma, o trabalho vocal aumenta a capacidade de concentração e altera o emocional, o que se percebe nas respostas da questão 11, que indagava sobre o emocional, quando um deles coloca que o trabalho vocal o ajuda a “entrar em sintonia com um mundo melhor, sentir alegria e tristeza além de ajudar a dividir com os ouvintes, as emoções que vão no coração” os estados emocionais estão diretamente vinculados à nossa constituição e nosso modo de ser”.

A fala desse participante é reproduzida com outros dizeres por outro participante que relata “poder equilibrar as emoções e esquecer-se de muitos problemas do cotidiano”. Nesse sentido, Sekeff coloca que “o prazer da prática musical afeta a química cerebral, propiciando, de algum modo, respostas comportamentais. Sem esquecer que, se a música não transmite emoções ou afetos, ela capta e expressa as formas desses sentimentos [...] a expressão emocional leva o homem não somente a agir emocionalmente como também a se sentir emocionado”. (Sekeff, 2007)

A capacidade de o trabalho vocal reduzir as tensões do cotidiano é perceptível quando se observa o gráfico Emocional do Ser humano no capítulo 2, no qual a coluna que mais se alterou foi aquela que relatava o estado de tensão em que se encontrava o indivíduo no início do ensaio que alega estar agitado e após, tranquilo ou alegre.

Mathias relaciona tal mudança com a teoria de Maslow sobre a pirâmide de necessidades, também relacionada por Sekeff segundo a qual “a mudança de comportamento está ligada à satisfação das necessidades das pessoas” (Sekeff, 2007). Segundo ainda esta última “a música atende a todos os níveis de envolvimento, psicossocial, psicológico e o psicoespiritual”. (Sekeff, 2007)

Referindo-se também a pirâmide de Maslow “pode-se incluir o canto coral em um cenário de qualidade de vida e equilíbrio social, já que a participação em atividades que promovam o aumento de autoestima e do senso de autorrealização constitui significativo aspecto da formação do indivíduo. [...] o canto coral auxilia a pessoa no seu crescimento pessoal e, a partir de então, em sua motivação” (Amato, Amato Neto, 2009).

É importante destacar que o emocional do coralista está intimamente ligado à forma com que a plateia vai perceber a obra, pois, sem emoção, a obra se transforma em uma exposição de técnica vocal e solfejo, opinião compartilhada pela regente do Coral Pio X, durante sua entrevista.

Ela ainda destaca que o emocional do grupo também é sensível ao emocional do seu líder, pois esta é afetada pelo resultado apresentado como retorno do seu trabalho. Ver a obra de outro compositor sair da partitura e transformar-se em música real e fisicamente apreciada pelos ouvintes, como resultado do seu trabalho é prazeroso, pois “como toda atividade artística, a música, enquanto fenômeno estético, envolve a expressão emocional”. (Sekeff, 2007)

Ao se considerar a figura do regente como parte integrante e ativa do processo emocional do canto coral, deve-se observar que são necessárias algumas qualidades para se criar empatia com o grupo e atingir os objetivos propostos.

Destaca-se, no caso do Pio X, a qualidade musical da sua regente como musicista, piano, flauta e percussão, que permite a ela excursionar pelas mais diversas obras; além da paciência com que trabalha as individualidades e as diferenças de conhecimento dos seus comandados, sempre atenta às necessidades individuais e musicais, fato perceptível durante a observação.

Entretanto, apesar de jovem, ao lidar com profissionais da música, com muitos anos de formação, ela demonstra duas características essenciais ao bom regente. Uma delas é a autenticidade com que conduz os ensaios e apresentações e a outra é a responsabilidade com que executa seu trabalho, ouvindo todas as sugestões, mas sem se deixar influenciar pela opinião do grupo, quando esta não é pertinente.

Nessa condição, Zander coloca que “outro fator importante para o regente é a responsabilidade. Esta deve ser tão forte, que o regente possa realmente conduzir e não ser conduzido pela personalidade do grupo, e poder irradiar aos outros, de modo espontâneo, a autoridade da condução” (Zander, 2003).

A interferência do canto coral no emocional dos participantes pode, portanto, ser estabelecida tanto pelas opiniões dos coralistas e da regente do Coral Pio X, e reforçada pelas opiniões dos autores clássicos. O trabalho vocal, especialmente aquele realizado em grupo, tem a capacidade de harmonizar o intelecto do ser humano, dando-lhe maturidade e capacidade de concentração.

5 CONCLUSÃO

O ser humano se situa entre dois mundos: um exterior dinâmico, apressado e materialista e o outro, o mundo interior, no qual estão todas as emoções e as vivências que compõem a sua personalidade. Em muitos momentos, o primeiro se sobrepõe ao outro, provocando um distanciamento das emoções.

A música, em especial aquela produzida no canto coral, exerce sobre o ser humano, um efeito emocional tamanho que o faz exteriorizar os seus sentimentos, por vezes, guardados das demais pessoas do convívio, impedindo-o de mostrar seu lado emotivo.

As observações surgidas a partir da pesquisa empírica permitiram-me comprovar a ligação do cotidiano das pessoas com os seus sentimentos, modificando o seu comportamento e sua capacidade de reagir frente aos eventos diários.

Em princípio, foi-me possível perceber que a música exerce influência sobre todas as faces que compõem a personalidade humana, tanto sobre a psicológica, quanto sobre a fisiológica, por causa dos elementos que a compõe, como o ritmo, por exemplo, que age sobre o corpo relaxando-o e acalmando-o.

Minha observação, durante a pesquisa, permitiu concluir que há a necessidade de interação pessoal, de troca de experiências, como meio de se libertar das tensões do cotidiano e aumentar a concentração nos ensaios. Entretanto, por envolver um número grande de participantes, fica claro que envolve também um número semelhante de problemas pessoais.

Antes do início das atividades, os componentes do grupo desenvolvem a troca de informações de todos os tipos, o que deveria, por teoria, ser suficiente para diminuir o estado de excitação com que eles chegam motivados pelos eventos do dia-a-dia, mas isso não ocorre, como as respostas comprovam quando eles dizem que conversam durante os ensaios.

Durante a passagem por naipes, as conversas ocorrem e giram, segundo informações da pesquisa, sobre as obras executadas e sobre outros assuntos, ou ocorre o ensaio simultâneo ao do naipe da vez, causando ruídos que interferem na comunicação da regente com os músicos.

Aparentemente, essa interação deveria ser coibida pela regente, entretanto, esta considera não ser totalmente prejudicial para os objetivos propostos, pois, esclarece que a interação controlada propicia aos integrantes uma resposta mais rápida na

execução das dinâmicas, porque estas envolvem o emocional, o que não seria possível em um coral “militarizado” ou cheio de “múmiás”.

Observei claramente o controle da regente sobre o grupo, impondo sua personalidade, pois apesar de jovem e trabalhar com profissionais da música, com até 40 anos de carreira, mesclados com leigos em teoria musical, impõe sua autoridade com firmeza sem provocar atritos e com suavidade. Pela sua perseverança e forma de trabalho, criou uma empatia com o grupo que lhe permite tal condição.

Pude perceber pelas respostas, que parte dos pesquisados têm consciência da interferência do canto coral sobre suas vidas, embora, deva destacar que isso não ocorre racionalmente. Eles observam que a falta dos trabalhos vocais faz com que o seu estado emocional fique alterado, porém eles não sabem especificar como tal fato ocorre.

A falta dessa consciência, intensificada pela “correria” da vida pessoal, as pessoas se distanciam das suas emoções prejudicando a sensibilidade necessária para a atividade musical, e para as decisões do cotidiano.

Nesse contexto, é necessário desenvolver atividades que tragam o coralista para o contato com suas emoções e, simultaneamente, aumentem a sua capacidade de concentração.

A atividade musical, por seus componentes, já desenvolve a capacidade de sentir, por mexer com o psicológico, entretanto, é necessário que o indivíduo se disponibilize para essa interação da música com seus sentimentos. A regente enfatiza que o coralista tem que “se abrir” para os trabalhos ou o emocional não sofrerá melhoras.

Essa abertura para a música age sobre o emocional, no momento da atividade, alterando-o de tal forma que seja transportado para as atitudes diárias. O trabalho em grupo faz com que o indivíduo tenha que se conectar ao outro, mostrando a importância deles nas atividades musicais e possibilitando que esse valor seja transportado para as interações sociais fora delas.

É, portanto, responsabilidade do regente, criar esse senso de responsabilidade, inclusive pelo próprio exemplo, interferindo quando esse senso foge da normalidade. Presenciei o uso de análises das apresentações, preferencialmente, com o uso de vídeos ou dos sons mostrando para cada naipe os desacertos, orientando individualmente, incentivando a repetição correta.

As atividades de percepção podem aprimorar a capacidade de sentir, bem como pequenas explicações de como o uso das escalas maiores e menores pode provocar os sentimentos mais e menos intensos, alegres ou mais tristes.

Dessa forma, o participante do canto coral, consciente da sua participação no processo, transpõe para a vida pessoal esse aumento de sensibilidade, melhorando suas reações frente aos descompassos do cotidiano.

Dispor de um espaço próprio para a socialização das informações imediatamente antes dos trabalhos pode reduzir a necessidade de interações durante os ensaios. Sob a direção da regente, pode-se propor pequenos exercícios de alongamento e de respiração, que contribuem para diminuir o estado de excitação apresentado pelos componentes durante a chegada.

A atividade musical em grupo, portanto, quando bem elaborada sensibiliza o indivíduo, aumentando a sua capacidade para as interações sociais do cotidiano, uma vez que o obriga a atenção ao “outro”, aciona as capacidades matemáticas através das regras matemáticas com as quais a música trabalha.

Finalmente, observei a atuação do regente, austera e sensível, induz esse aumento de sensibilidade e de atenção, através do seu trabalho sério e responsável, tanto na escolha do repertório, quanto na condução das individualidades; além do comprometimento com o trabalho e com as necessidades pessoais.

Anexo 1

Formulário utilizado na pesquisa empírica deste estudo.

Nome (opcional)	Naípe: <input type="checkbox"/> Soprano <input type="checkbox"/> Contralto <input type="checkbox"/> Tenor <input type="checkbox"/> Baixo
Idade _____ anos	Sexo <input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino
Tempo de Coral _____ anos/meses	Tempo na música _____ anos /meses

Atividade Profissional:

Pesquisa sobre o resultado do trabalho vocal no emocional do Coral Pio X

1- Durante os ensaios, você participa de conversas sobre:
<input type="checkbox"/> Assuntos diversos não pertencentes ao ensaio. <input type="checkbox"/> Assuntos relativos à obra ensaída. <input type="checkbox"/> Sobre música em geral, sem relação com o ensaio. <input type="checkbox"/> Problemas pessoais com o companheiro. <input type="checkbox"/> Outros . Especificar _____
2- Você considera essas conversas prejudiciais ao andamento dos trabalhos?
<input type="checkbox"/> Não prejudicam <input type="checkbox"/> pouco <input type="checkbox"/> muito
3- Essas conversas paralelas, na sua opinião, interferem no andamento dos ensaios?
<input type="checkbox"/> Não interfere <input type="checkbox"/> pouco <input type="checkbox"/> muito
4- A conversa paralela prejudica a sua capacidade de concentração?
<input type="checkbox"/> Não prejudicam <input type="checkbox"/> pouco <input type="checkbox"/> muito
5- Na passagem de naipes, o ensaio paralelo dos outros naipes, prejudica a sua capacidade de assimilar e memorizar a melodia?
<input type="checkbox"/> Não prejudicam <input type="checkbox"/> pouco <input type="checkbox"/> muito
6- Você considera essas conversas prejudiciais ao andamento dos trabalhos?
<input type="checkbox"/> Não prejudicam <input type="checkbox"/> pouco <input type="checkbox"/> muito
7- Quando você chega para o ensaio, geralmente seu estado emocional está mais para:
<input type="checkbox"/> Indiferente <input type="checkbox"/> tranquilo <input type="checkbox"/> agitado <input type="checkbox"/> irritado <input type="checkbox"/> alegre
8- Ao término dos ensaios ou das apresentações você se sente:
<input type="checkbox"/> Indiferente <input type="checkbox"/> tranquilo <input type="checkbox"/> agitado <input type="checkbox"/> irritado <input type="checkbox"/> alegre

9- Você percebeu alguma mudança no seu estado emocional com os trabalhos vocais?

10- Qual a sua expectativa em relação ao trabalho vocal executado no coral?

11- Na sua opinião, há influência do canto coral e do exercício vocal na sua vida emocional?

12- Na sua opinião, qual a importância do trabalho vocal e da música no seu cotidiano?

13- Você sente necessidade de trabalhar suas qualidades vocais?

Anexo 2

CD com a entrevista realizada com Karen Richter Comandulli, regente do Coral Pio X.

Anexo 3

Transcrição da entrevista realizada com Karen Richter Comandulli, regente do Coral Pio X.

Quem é a Karen? Eh!... Eu sou Karen Richter Comandulli... filha... eh! meu pai era maestro... maestro Mario Comandulli... minha mãe professora de piano... Neusa Richter de Mello Comandulli tenho 37 anos... estudei música desde criança... já nasci também no meio... não tinha como eh!... tá bom né!

Qual a sua formação musical? Eh!...Acadêmica... digamos assim... fiz conservatório e fiz faculdade e tranquei a faculdade... não conclui a faculdade de música porque não gostei do curso e a formação acadêmica... foi só o conservatório... que por sinal foi um conservatório muito bom... tinha professores muito bons naquela época... e desde... eu estudei flauta doce desde criança... comecei com quatro anos e me formei em piano... o que mais... ah! Estudei percussão... estudei percussão também. Percussão foi legal porque eu estudei... eu sempre gostei bastante... eu tocava de ouvido... depois eu estudei eh!... eu estudei com com um rapaz que se formou na UNESP que eu acho que é a melhor faculdade que tem de percussão no país né! e Prestei UNESP e passei em décimo lugar... só que são só três vagas de percussão né... então peguei até uma boa classificação por ser UNESP né... passar em décimo na UNESP eu acho... eu fiquei super contente... nem esperava... mas lá são só três vagas para percussão... então eu rodei na percussão... (risos)

Qual a sua relação com a música? Ah... música... música é o meu trabalho né... eu reço coral... trabalho com alguns instrumentos também... mas música pro músico... posso falar isso... sim claro... em nome da maioria dos músicos né... não é só trabalho sempre acaba sendo sua... a sua vida... envolve todo o seu tempo né... ou se você não está trabalhando... está estudando... se você não está estudando... você está comentando com alguém sobre isso... ou tá ouvindo música... ou você tá pesquisando alguma coisa sobre compositor... é sempre muito... é o dia inteiro... então... até cansa às vezes... (risos)

Por que você escolheu ser regente de coral? Foi um imposição da minha mãe né... (risos) não foi uma escolha minha isso daí... minha mãe sempre falava você tem

que ser regente... tem que ser regente... mas eu não queria ser regente e aí... eu fiz vários cursos de regência e tive um professor muito bom de regência no conservatório... foi o Marco Antônio Cunha... de Almeida Cunha... ele foi muito importante... mas aí eu não queria fazer regência... não queria... tal... aí eu peguei um trabalho na APAE de... era um coralzinho lá... tal não sei o que... trabalhei muitos anos com musicalização infantil... fiz aula de canto lírico... tem toda uma história com isso porque meu pai... aí minha mãe... depois de um tempo eu sai... acabei saindo... foi um trabalho maravilhoso lá... mas depois eu acabei deixando ... e minha mãe no conservatório que era dela na época né... depois de eu já ter me formado... era conservatório dela... que ela comprou... e o professor de regência que foi meu professor no conservatório também de... professor de harmonia... ele saiu e ele dava aula de flauta doce também... que ele também é flautista... então precisava de um professor de reg... coral e de flauta doce e era... eu já tinha feito vários inúmeros cursos de coral... mas tinha feito porque eu gostava... porque achava interessante... mas não queria trabalhar com isso de jeito nenhum... achava interessante só saber técnica tal pra trabalhar também com musicalização que eu trabalhei por muito tempo né... e aí eu fui meio que assim empurrada lá porque precisava muito de alguém pra fazer essa orientação e que tivesse as duas... e nossa foi daí eu nunca mais larguei... aí eu vi que ela tinha razão... (risos)

O que significa o coral Pio X para você? O Pio X é... e um... é legal... mas também é um peso... e as duas coisas... assim... ele é um ... é um... é o meu cartão de visita... digamos assim... é o meu coral... assim... atualmente acho que o coral que tem o repertório mais sofisticado... o repertório um pouco mais complexo... digamos assim né... por outro lado é um peso porque justamente por isso... pelo repertório ser mais elaborado é difícil de se trabalhar e também porque era regido pelo meu Pai... Meu pai fundou esse coral... ele formou... o coral Pio X não existia né... foi meu pai que montou... então é difícil... é um peso porque ele fez um trabalho espetacular na cidade né... infinitamente melhor do que o meu... não tem nem comparação... na época dele tinha setenta... chegou a ter setenta cantores... muitos desses se profissionalizaram né... e... até teve gente que foi pra fora do país... cantou fora... voltou cantou aqui... enfim... então é um trabalho... realmente um trabalho grande que ele fez né... então assim... o meu trabalho é inferior mas... mas ele não pode é... não vou chegar

naquilo... mas ele não pode ficar muito a aquém porque senão vira aquela coisa né... nossa seu pai... é isso aí..

Que tipo de música o coral Pio X canta e por que? O repertório é variado.. mas assim... o foco é a música sacra e alguns coros de ópera... lírico né... a gente tenta focar nisso porque foi fundado pra ser assim... meu pai fez seminário... não se formou padre... não se ordenou.. é bom deixar isso claro... mesmo porque né... eu sou a filha do padre né... não... eu não sou a filha do... então... e... dai fundou... ele era muito...tinha muita influência da igreja católica por ter feito seminário né... então... ficou a... fez também regência lá... se formou em órgão... tocava órgão tubular tal né... então ficava a musica sacra muito forte ... e também porque... não só porque foi formado mas porque eu acredito que seja o tipo de música mais é... é um tipo de música que exige muito do coralista... exige muito do regente evidentemente né... precisa estudar bastante e exige mais do coralista... então assim... o coral cresce muito com esse tipo de repertório.

Como você escolhe as músicas para esse grupo? Escolho o que eu acho bom... bonito... escolho o que eu gosto...

O seu envolvimento com o grupo está restrito ao profissional ou existe algo mais? Se sim de que tipo e se não porque. É... não... é profissional mas tem muito mais né... porque... porque... ah... desde a época do meu pai também... na época do coral...era... era muito... as pessoas acabam se envolvendo muito né... música envolve muito as pessoas... eu acho... e tem gente que vai lá fazer terapia... o que eu detesto isso... vou deixar isso bem claro... (risos) eu não suporto isso mas tem... então assim... mas assim... de qualquer forma eu respeito muito as pessoas né.. então... aí a gente acaba pegando amizade... você ta trabalhando muito é... com o lado emocional né ... você ta trabalhando muito essa... tudo tem que ter é.. pra voce conseguir tirar uma dinâmica boa do seu grupo você precisa mexer no lado emocional né... então acaba tendo um vínculo...

Como você se prepara para os trabalhos vocais? Eu fiz aula de canto lírico com... com o Mario Borin... esse dai foi a minha melhor... acho que foi o melhor trabalho que... eu já fiz outras coisas assim... várias coisas de técnicas vocal... cursos

de... mas nenhum deles foi tão... nenhum deles eh!... teve tanto resultado quanto as aulas as aulas que eu fiz com o Mário... já fiz vários cursos... inúmeros... inúmeras técnicas diferentes... mas que na hora de aplicar eu percebi que o resultado não acontecia... Fiz fono também por muito tempo porque eu uso muito a voz e até hoje acabo ficando muito rouca né... assim... quando precisa falar muito enfim né... mas é... a preparação vocal eu acho que foi a escola de canto lírico mesmo... foi a que mais surtiu efeito....

Como é o comportamento do grupo durante os ensaios e durante as apresentações? Super variado... assim... depende... nos ensaios normalmente eles fazem bagunça... assim... não o tempo todo... mas é preciso bastante... tem muitas vezes que eu preciso ficar chamando atenção pra concentração do grupo né... justamente porque tem muita gente que vai lá como uma forma de terapia... cê entendeu... então acho que daí acaba distraindo a pessoa do que é aquilo... aquilo é um ensaio de coral né... e durante as apresentações eh!... já teve diversas ocasiões em que o grupo não estava concentrado e a apresentação conseqüentemente não foi... enfim... quando não está concentrado não é bom... né... então o comportamento é variado... assim depende também do meu estado de humor também o pessoal fica mais quieto...

Como regente... qual a sua posição a respeito das conversas que ocorrem durante os ensaios? Então... isso daí também é um negocio complicado porque assim eu não gosto eu não queria também que... não gostaria que o coral se transformasse num... numa pirâmide assim cheia de múmias lá dentro assim...(risos) eu não gosto quando o coro é muito apático porque também o resultando quando você vai pedir uma dinâmica ou uma... dependendo do que... não é legal... sabe... acho que as pessoas precisam interagir elas precisam... você vai trabalhar em grupo né... então se a pessoa nem olha pra quem está do lado também não funciona... mas também não pode ter.. não pode ter exagero nenhum... nenhum dos dois extremos... assim né... não pode conversar demais por que perde todo... porque às vezes eu dou o tom e tem conversa né e a gente começa a cantar... daí não dá né...e perde completamente o a concentração... acaba o trabalho né... mas também por outro lado... é legal de vez enquanto você descontrair um pouco... brincar um pouco né...

Todos os problemas pessoais que envolvem os componentes devem interferir diretamente no trabalho. Como você lida com esse tipo de situação? Como é que é... faz de novo a pergunta..

Todos os problemas pessoais que envolvem os componentes do coral... eles de alguma forma interferem diretamente no trabalho. Como que você lida com esse tipo de situação? Então... aconteceu um caso ai... de uma pessoa do coral que eh!.. chegou para a apresentação... apresentação até deu um monte de problemas lá... depois no fim foi bom né... só deu briga antes... e depois essa pessoa veio me falar que tava... chegou pro ensaio... na passagem de som totalmente sem concentração por conta de problemas pessoais assim... aconteceu no ensaio passado e veio uma pessoa me falar isso.... então assim... o ensaio que a gente... foi a passagem de som foi terrível porque acho que todo mundo estava desconcentrado... todo mundo tava... sabe... tava um horror...inclusive veio justamente essa questão... a pessoa veio me falar... eu tava com problema não tava nem um pouco ali no momento né... depois da bronca que cê deu ai eu me toquei que eu precisava esquecer deixar lá fora o meu problema pessoal e aqui cantar né... eu... eu infelizmente não posso solucionar problemas pessoais de ninguém... eu to ali pra trabalhar música... se a música fizer bem pra pessoa consequentemente eu acho fantástico mas... a minha função não é .. então assim... isso influência bastante e muitas vezes eu preciso ser até dura com as pessoas pra não... pra não deixar que isso dai atrapalhe o trabalho... porque se deixar atrapalha sim...

Em um grupo todas as individualidades devem ser conciliadas em prol de um bem maior. Como você trabalha esse aspecto? Não.. de novo...

Num grupo cada um em suas características... suas individualidades... e isso você tem que conciliar em prol de um trabalho ... pra ter um resultado maior. Como que você trabalha esse aspecto? No caso do coral é... (inaudível)... é difícil porque assim... cada um vem de uma formação... cada um vem de um... num coral amador não são todos estudantes ou profissionais de música né... então as pessoas tem dificuldades... tem dificuldades muitas vezes pra pronunciar um... outra língua né...com a pronuncia de outra língua... e uns tem facilidade e outros dificuldades... ambos são difíceis de se trabalhar ... tanto os que tem muita facilidade quanto os que

tem muita dificuldade... porque os que tem dificuldade não precisa nem explicar né... é difícil mesmo porque é difícil... e e os que tem facilidade muitas vezes é difícil de trabalhar porque a pessoa acha que ela tá... eu já sei... eu to bem já... entendeu... então... é péssimo porque nessa de eu já sei ... eu já vi muita gente cair né... e errar e fazer besteira... então... assim... o o mais difícil que eu acho e achar o equilíbrio... entendeu... você conseguir equilibrar o que tem muita dificuldade... não deixar com que ele se sinta humilhado né... que ele se sinta mal por não tá conseguindo aprender... e saber também lidar e colocar aquele que está se achando no lugar... porque... então... assim né... não pode deixar também o que ... senão todo mundo né... vira um inferno... então você tem que é... acho que a maior dificuldade é... agora a partir dai você tem que lembrar as pessoas que elas estão ali para fazer música né... então cada um que vem de um lugar de uma formação... de uma classe social... não sei o que... não sei o que... não sei o que... cada um tem a sua individualidade mesmo e é isso que é legal... o coral vai trabalhar essa coisa em conjunto né... ali ta pra fazer música... ali ninguém ta pra ser cada um... é um grupo... um bloco né...

Você percebe interferência da música e do coral na vida pessoal e no emocional dos coralistas? Pode nos dar algum exemplo... sem citar qual seja ele? Ah... eu acho que o emocional deve influenciar bastante né... eu... posso citar um exemplo de uma pessoa que rege um coral...(risos) porque eu não posso ficar falando pelas pessoas... assim... eu tenho exemplos enfim de gente que ah... a partir do do... depois que comecei a cantar no coral eu me soltei muito mais... eu perdi um pouco a timidez... tem gente que tremia assim só de pensar de ter que subir em cima de um palco para cantar..e no coral a pessoa se sente confortável porque tem um monte de gente junto... ta ali acompanhando um trabalho né... então... tem uma série de fatores ai que eu acho que são importantes... mas eu acho que é... uma coisa legal da ... muitas vezes...pelo menos pra... pra... pros regentes... entendeu... assim... é você ver o trabalho que não é seu... na maior parte das vezes é de um outro compositor né... é de um compositor... sendo executado a partir de um trabalho que você fez... então assim... é você ver a música acontecendo ao vivo a partir de um trabalho que você fez... então no emocional de um regente por exemplo... isso deve ser a maior... (risos) a maior alegria... digamos assim... a maior satisfação porque é um trabalho que está sendo... que está acontecendo... você conseguiu pegar a música de uma pessoa e transformar... pegar a partitura que foi escrita por uma pessoa e transformar em música

né... e você ouve...e as pessoas ouvem... não é... basicamente não é o seu trabalho... o trabalho é de outra pessoa... mas você conseguiu transformar aquilo.

Como regente... após um tempo de trabalho... você percebe melhoras na capacidade de concentração dos corais que você trabalha e no Pio X principalmente? (pausa) Olha é... também é meio difícil porque... tem momentos... eu acho que tem momentos... não sei ... tem dias que parece que o ensaio... parece que todo mundo ta com a macaca... sabe... aqueles dias... agora... capacidade de concentração a música trabalha isso né... até num instrumento individual... a música trabalha isso... acho que melhora quando a pessoa se empenha também... entendeu... e muitas vezes eu preciso ficar lembrando as pessoas que elas precisam se concentrar... então assim... trabalhar isso dai ... você vai trabalhar... mas a pessoas precisa dar uma força né... precisa ajudar... (risos) porque senão...

Há algum tipo de trabalho especial que você gostaria de comentar no tocante a alteração do emocional e da capacidade de concentração dos coralistas? Algum tipo de trabalho que....?

Algum tipo de trabalho que você realizou que teve interferência no emocional e na capacidade de concentração... Eu acho que no emocional as próprias músicas...acho que as músicas trazem... trazem essa diferença emocional digamos assim...cada peça que você vai interpretar precisa ter uma ... um... uma emoção diferente mesmo... senão fica tudo solfejo... fica tudo técnico... né... se você cantar uma peça sacra com a mesma intenção que você canta uma peça popular divertida... digamos assim né... você não está interpretando nada... você ta então no emocional a própria música... e também tem outra coisa né... cada um gosta mais de uma... então eu me sinto bem cantando uma música... o outro se sente bem cantando a outra... então cada um cada um tem pra si aquela música que né... trabalha o emocional... e a outra parte era do que???

A concentração... O trabalho que.... tem um trabalho que eu gosto de citar que é um método de... dum húngaro chamado Zoltan Kodaly... esse cara fez um trabalho fantástico....é um dos melhores... das melhores técnicas que eu conheço de... e uma das coisas que ele faz é... ele... ele... ele... eh! bom é como se fosse um solfejo ritmo...

mas é simultâneo... é como se fosse um cânone rítmico... então ele... ele... enfim... dá um fórmula de compasso.. um andamento... e ele... ele... faz o ditado rítmico batendo... sei lá... clavas ou enfim... pandeiro... alguns instrumentos que seja... ou batendo palmas mesmo... e a pessoa tem que responder ... enquanto ela ta respondendo ele já está fazendo outro... simultaneamente... como se fosse um cânone mesmo... só que a primeira vista né... não um cânone que você já sabe o que você... então enquanto você ta batendo o que a pessoa te solfejou né... ele já ta fazendo o próximo... eu fiz isso com o coral... foi muito difícil... pena que assim... por enquanto não estou conseguindo tempo de fazer isso em todos os ensaios... acho que isso dai é uma das melhores coisas que conheço pra concentração... porque (risos) precisa se concentrar né... então assim... e eu fiz isso com o coral Pio X numa maneira muito simplificada e mesmo assim era difícil ... mas é um exercício excelente de concentração...

Você gostaria de fazer mais algum comentário sobre o trabalho vocal a frente do Pio X? O trabalho vocal... o meu trabalho vocal é mais geral... eu não faço individual.... então eu convidei o Mario Borin que é regente do Schola Cantorum que cantava no coral do meu pai na época... no coral Pio X... e ele é quem eu quero que faça o trabalho vocal... mesmo porque o Mario era da escola italiana de canto... que é a minha esco... escola preferida... assim o meu... todas as escolas tem a sua né... o seu valor... e cada um escolhe uma... você não pode escolher todas... você escolhe uma e vai seguindo esse caminho... e essa é a que a gente já vem a tempos trabalhando... e o Mario foi... inclusive foi cantor do...no coro lírico ... do municipal de São Paulo... se aposentou lá... então é um trabalho muito... então o trabalho vocal mesmo... eu sigo o que eu aprendi com ele... e é ele que vai trabalhar com o coral... o meu trabalho é de equilíbrio do grupo... então assim... o trabalho como regente... o trabalho vocal do regente é diferente do trabalho vocal né... da técnica vocal do grupo... é um trabalho de equilíbrio ... então as vozes colocadas ai você vai equilibrar volume... você vai equilibrar todas as dinâmicas... você vai tentar tirar... extrair do coro uma única né... uma única harmonia... não pode ter... assim.. eu acho importante isso dai... lembrar quem trabalha com coral que.... tem muito coral por ai que você ouve nitidamente vozes pipocando no meio... assim... furando naipes... e é feio... então o que eu mais... assim uma das coisas que eu mais tento fazer no coral é equilibrar os naipes.

Fim da entrevista, Obrigado.

Anexo 4

Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: “

Nome do (a) Pesquisador (a):

Nome do (a) Orientador (a):

Instituição Vinculada:

Endereço:

Natureza da pesquisa: *a (o) sra. (sr.) está sendo convidada (o) a participar desta pesquisa que tem como finalidade ...*

Participantes da pesquisa: (colocar o número de participantes, especificando qual será a população-alvo da pesquisa).

Envolvimento na pesquisa: *ao participar deste estudo, a (o) sra. (sr.) permitirá que o (a) pesquisador (a) (...). A sra. (sr.) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para a sra. (sr.) (...). Sempre que quiser, poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do (a) pesquisador (a) do projeto e, se necessário, através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.*

Sobre as entrevistas: (se houver, especificar como serão realizadas).

Riscos e desconforto: *a participação nesta pesquisa não traz complicações legais. (especificar aqui possíveis riscos e desconfortos gerados durante a pesquisa). Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, conforme Resolução no. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos a sua dignidade.*

Confidencialidade: *todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o (a) pesquisador (a) e o (a) orientador (a) terão conhecimento dos dados.*

Benefícios: *ao participar desta pesquisa, a (o) sra. (sr.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre (...), de forma que o conhecimento que*

será construído a partir desta pesquisa possa (...), onde o pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.

Pagamento: *a (o) sra. (sr.) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será paga por sua participação.*

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto, preencha, por favor, os itens que se seguem:

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, RG/ CPF/ n.º de prontuário/ n.º de matrícula _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo _____ como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador _____ sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como sobre os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade ou interrupção de meu acompanhamento/ assistência/tratamento.

Local e data: _____

Nome e Assinatura do sujeito ou responsável: _____

Assinatura do Pesquisador: _____

Assinatura do Orientador: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar.

Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: _____ Assinatura: _____

Nome: _____ Assinatura: _____

7 REFERÊNCIAS

Amato RCF, Amato Neto J. A motivação no canto coral: perspectivas para a gestão de recursos humanos em música. Revista Associação brasileira de educação musical, n. 22. Porto Alegre/RS [artigo on line] 2000. Disponível em: URL: http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista22/revista22_completa.pdf; p. 90:1-94:5.

Bennet R. Uma Breve História da Música. Tradução, Maria Teresa Resende Costa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986; p.13.

Coelho HSNW. Técnica vocal para coros. São Leopoldo/RS; Sinodal, 1994; p. 10-16:8.

Cruz MC, Cunha R. Música na vida cotidiana. Anais do SIMCAM - Simpósio internacional de cognição e artes musicais, 4. São Paulo; Paulistana [artigo on line] 2008. Disponível em: URL: <http://www.abcogmus.org/documents/SIMCAM4.pdf>; p. 355.

Mathias N. Coral, um canto apaixonante. Brasília, Musimed, 1986; p. 15-17-22:3-30.

Molinari P. Conhecer e Expressar o Indizível – O Legado de Alfred Wolfsohn. Campo Limpo Paulista / SP, Ed FACCAMP, 2008; p. 10.

Parejo EJP. Escuta Musical: uma estratégia transdisciplinar privilegiada para o Sentipensar. [monografia on line].São Paulo; 2008. Disponível em: URL: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaPeriodicoForm.do;jsessionid=6941175AA10C299A0344579C2AB38CB7>; p. 32:3.

Sekeff ML. Da Música seus usos e recursos. 2ª ed. rev. ampl. São Paulo; Unesp, 2007; p. 19:20-22-58-67:8-72:3-75-78:9-103

Sobreira SG. Desafinação vocal. 2ª ed. Rio de Janeiro; Musimed, 2003; p. 69-85-87-104-107-113-116:17-146-173-175

Zander O. Regência Coral. Apres. Marlos Nobre. 5ª ed. Porto Alegre; Movimento, 2003;
20-29:30.

Abstract

Objective: The objective of this study is try to establish, on quantitative and qualitative ways, the changes on the emotional status of the choristers as a result of the vocal works, moreover, observe the conductor's actuation over the group, making good use of the individualities in favor of the group sonority. **Methods:** This work had three bases, to know: the observation of the group on the rehearsals and questionnaires with the purpose of measure the group's emotional involvement. The analysis of the results of this one, associated with my visual observation, produced interesting conclusions. The third base was an interview with the choir conductor Karen Richter Comandulli, to observe the way she understands her work in front of the group. Always observing the changes on the group attitudes and behavior, on the arrival moment, during the vocal works, and on the leaving moment. The information and interpretations has been sustained on an extensive bibliographic revision towards the choir singing. **Results:** I could observe that on the chorister's arrival, a bit confused environment was established, with many talk, but on a way that the vocal works began, the behaviors started to change, fact that is proved by the results obtained through the questionnaires, on which some choristers related humor and concentration changes on a daily basis. After the results observation and a global analysis of the three dimensions of the research, the empirical, the questionnaires and the interview; the bibliographic and the observation, rest no doubts about the salutary interference of the music on the emotional of the choristers. **Conclusions:** The control of the conductor over the group is really strong, although not severe or "military", as she likes to say, because without the emotion of the choristers, doesn't exist interpretation, but only a demonstration of vocal techniques. I could conclude that the vocal activity, conducted on a good way, increases the concentration capacity of the group members, changing their behaviors, although they don't know how to explain this. So, music has a capacity to produce psychological, philosophical and manner changes, contributing on the daily emotional equilibrium.

Bibliografia consultada

Amato RCF, Amato Neto J. A motivação no canto coral: perspectivas para a gestão de recursos humanos em música. Revista Associação brasileira de educação musical, n. 22. Porto Alegre/RS [artigo on line] 2000. Disponível em: URL: http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista22/revista22_completa.pdf

Bennet R. Uma Breve História da Música. Tradução Maria Teresa Resende Costa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986

Coelho HSNW. Técnica vocal para coros. São Leopoldo/RS; Sinodal, 1994.

Cruz MC, Cunha R. Música na vida cotidiana. Anais do SIMCAM - Simpósio internacional de cognição e artes musicais, 4. São Paulo; Paulistana [artigo on line] 2008. Disponível em: URL: <http://www.abcmus.org/documents/SIMCAM4.pdf>

Dickson JH. O treinamento de regentes através do método cinestético. Publicação oficial da associação brasileira de regentes de coros. Trad. Edson Carvalho, Ano I, nº 2, 2002.

Dinardi, Christiane. Professores de Música: história e perspectivas. Curitiba; Juruá, 2008.

Eco U. Como se faz uma tese. Tradução Ana Falcão Bastos e Luís Leitão. Barcarena/PT, 13ª ed. Editorial Presença.

Guerra L. Entre a razão, a emoção e a imaginação: a percepção de estudantes de canto lírico a respeito de instruções baseadas na modelização, na verbalização concreta e em metáforas e imagens. Anais do SIMCAM4 – IV Simpósio de cognição e artes musicais [artigo on line] 2008. Disponível em: URL: http://www.fflch.usp.br/dl/simcam4/downloads_anais/SIMCAM4_Lemuel_Guerra.pdf

Mathias N. Coral, um canto apaixonante. Brasília, Musimed, 1986

Molinari PMAO. A materialidade da voz. São Paulo, 2004.

Molinari P. Técnica Vocal: Técnica para o Cantor Litúrgico. São Paulo/SP, Paulus, 2007

Molinari P. Conhecer e Expressar o Indizível – O Legado de Alfred Wolfsohn. Campo Limpo Paulista / SP, Ed FACCAMP, 2008

Parejo EJP. Escuta Musical: uma estratégia transdisciplinar privilegiada para o Sentipensar. [monografia on line].São Paulo; 2008. Disponível em: URL: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaPeriodicoForm.do;jsessionid=6941175AA10C299A0344579C2AB38CB7>

Queiroz LRS. Educação musical e etnomusicologia: caminhos, fronteiras e diálogos. Opus: Revista da associação nacional de pesquisa e pós-graduação em música, v. 16, n. 2. Goiânia/GO: ANPPOM, [artigo on line] 2010. Disponível em: URL: <http://www.anppom.com.br/opus/pt-br/issues/16.2>

Rother ET, Braga MER. Como elaborar sua tese: estrutura e referências. São Paulo; 2001.

Sekeff ML. Da Música seus usos e recursos. 2ª ed. rev. ampl. São Paulo; Unesp, 2007.

Sobreira SG. Desafinação vocal. 2ª ed. Rio de Janeiro; Musimed, 2003.

Suzigan, Geraldo. Pensamento e linguagem musical: música e educação. São Paulo; G4, 2002.

Thiollent, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 18ª ed. São Paulo; Cortez, 2011.

Zagonel B. Pausa para ouvir música: um jeito fácil e agradável de aprender ouvir música clássica. 2ª ed. Curitiba; Juruá, 2012.

Zander O. Regência Coral. Apres. Marlos Nobre. 5ª ed. Porto Alegre; Movimento, 2003.